Casa 8
Gab.
Est. 118
Tab.
N.º 1

8
118
1

# ANNUARIO

DA

# UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Francisco Bº Refor Rer

# ANNUARIO

DA

# UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNO LECTIVO DE 1888 A 1889

Bibliotheca da Universidade
N.º.....
COIMBRA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1889

# D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO

DO CONSELHO DE SUA MAJESTADE,
BISPO DE COIMBRA,
CONDE DE ARGANIL, SENHOR DE COJA
E PRIMEIRO REFORMADOR REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DEPOIS DA RESTAURAÇÃO DOS ESTUDOS EM 1772

Os homens que por trabalhos proficuos assignalam a sua peregrinação pela terra, que consomem a vida em aturadas fadigas pelo bem commum, e edificam para as gerações futuras obras perduraveis de influxo civilisador, não morrem de todo para o mundo no lance fatal que lhes interrompe o curso da existencia. Redivivem na memoria dos que lhes succedem; e a historia, sempre pregoeira das acções illustres, perpetua seus nomes atravez dos tempos e das vicissitudes.

Pertence ao numero dos que vivem na posteridade por feitos prestantes e memoraveis o preclaro varão D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, cujo retrato antecede e orna o frontispicio do presente *Annuario*.

Se houvessemos de aquilatar pelas honras posthumas o merito e predicados pessoaes, achariamos que os de D. Francisco de Lemos deveriam ter sido muito elevados. Existem ainda raros octogenarios que lhe presenciaram o sahimento e as exequias. Testemunham esses, que nos sessenta e seis annos decorridos não viu Coimbra que outro varão illustre baixasse á sepultura envolto em pompas funebres de tal grandeza. Prestou-lhe respeito e homenagem o concurso espontaneo de todas as classes; artistas, poetas e oradores, todos, depois de cerrada a campa, lhe ennobreceram as acções e exaltaram as virtudes.

Condiz com o apparato das ultimas honras o subido conceito em que os contemporaneos tiveram o insigne prelado. O curso dos annos, moderador infallivel dos echos da fama, não lhe cerceou ainda a reputação que adquiriu em vida; e a critica, que tantos descontos faz na apreciação de individuos sobre quem recahiram largos encarecimentos, não lhe restringe, antes lhe amplia os creditos e justifica os encomios com que o exaltaram depois de descido ao tumulo. Acertariamos, pois, se, sem outro exame, tomassemos as demonstrações do ultimo adeus para a estimativa dos merecimentos de D. Francisco de Lemos.

Mas quando se defronta com um nome illustre, quando se aponta para quem por actos publicos e trato particular deixou muito que imitar e apprender, é de interesse geral rememorar seus feitos e aprecial-o pelas suas acções. Por isso, embora celebrados escriptores tenham illuminado com muito brilho a biographia do eximio prelado conimbricense, não deixaremos de tirar de novo a lume a resenha dos trabalhos por que se distinguiu, e de lhe render o devido preito no rapido esboço que vamos traçar da sua vida.

Concordam os biographos em que D. Francisco de Lemos nasceu na casa e morgado de Marapicu, freguezia de Santo Antonio de Jacotinga, termo da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, a 5 de abril de 1735. Para que resalte d'um só traço o lustre da sua ascendencia, basta recordar que as mais notaveis familias das

provincias de S. Paulo, Minas, Santos e Goiaz descendem de seu quarto avò Amador Bueno da Ribeira, cujo desinteresse e firmeza na epocha da Restauração muito concorreram para que se libertasse a colonia do jugo extrangeiro (1).

Chegado á edade de passar dos rudimentos litterarios para os estudos com que gradualmente se enriquece a memoria e desenvolve a intelligencia, sahiu do Brasil, onde por aquelles tempos escasseavam os meios de instrucção; veiu para Portugal continuar o curso de humanidades e habilitar-se para entrar na Universidade. Dirigiu-lhe os passos na carreira das letras o irmão mais velho, herdeiro do morgado e solar da familia, o Dr. João Pereira Ramos d'Azeredo Coutinho, bem conhecido no reino por ter occupado dignamente logares superiores da magistratura e desempenhado com muita distincção importantes commissões de serviço publico.

Não era difficil encaminhar, no sentido do progresso e aproveitamento, um mancebo em quem os lampejos da intelligencia se manifestavam desde tenros annos com as propensões para o estudo. Nos exercicios escholares deu elle provas exuberantes do seu talento e applicação, sendo muito para notar que completasse o curso ordinario da formatura, quando chegava á edade em que a maioria dos estudantes passa dos preparatorios para a Universidade. E, como proseguisse nos estudos, porque aspirava a graduação superior, aos dezenove annos e meio tinha percorrido na Faculdade de Canones a escala obrigatoria de actos publicos e privados, em conformidade com a antiga legislação universitaria. A collação do grau de doutor em 24 de outubro de 1754 foi o premio e remate glorioso de seus esforços nas lides academicas.

O professorado parecia ser a sequencia natural d'uma carreira scientifica tão cheia de brilho; mas a passagem dos bancos das

---

(1) D'estas particularidades dá noticia Fr. Gaspar da Madre de Deus nas *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente,* impressas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1797, pag. 131 e seguintes.

aulas para a cadeira de professor era por então muito demorada. Os que pretendiam fazer vida pelo magisterio, consideravam-se em situação vantajosa, quando conseguiam admissão em algum dos collegios adjunctos á Universidade. Encontravam n'elles condições favoraveis para o estudo e os commodos que moderavam as impaciencias do longo noviciado antes da entrada para o corpo docente.

D. Francisco de Lemos não precisou sollicitar collegiatura depois de doutorado; como freire professo e conventual na ordem d'Aviz tinha-a no collegio dos Militares, pertencente áquella ordem e á de S. Thiago da Espada. Alli se deteve annos seguidos á espera de conquistar da porta ferrea para dentro um logar de professor.

Mas o quadro da Faculdade de Canones achava-se completo e não offerecia probabilidades de vagaturas senão em futuro muito distante. Em taes circumstancias era natural que com o correr dos annos augmentasse a impaciencia dos candidatos. D. Francisco de Lemos, espirito elevado, e activo por indole, sentiu o enfado que lhe causava a situação problematica de aspirante ao magisterio. Como não visse proximamente esperanças de melhor ventura, resolveu cortar pelas contingencias academicas e procurar fóra da Universidade posição estavel. Constou-lhe que na cathedral do Rio de Janeiro tinha vagado a dignidade de Deão; tractou de a requerer, e foi pessoalmente entregar o requerimento ao Conde de Oeiras, a quem fôra recommendado quando ainda estudante. Refere um professor distincto e famoso orador sagrado (1) que o ministro ao receber o requerimento encarára o requerente e lhe dissera: *«não lhe convem este emprego, e não limite as suas vistas a tão pouco»*. A perspicacia do ministro descortinou as aptidões do pretendente, e decidiu desde logo

(1) O Dr. Antonio José da Rocha, nas notas do sermão que prégou nas exequias de D. Francisco de Lemos mandadas fazer pelos estudantes e algumas pessoas do corpo academico.

aproveital-o para auxiliar de seus commettimentos reformadores. De tão sagaz penetração resultou a prompta entrada de D. Francisco de Lemos na vida publica, e com tal fortuna, que os provimentos alcançados dentro de um anno o compensaram da mallograda persistencia de seis annos á espera de collocação na Universidade.

De volta para Coimbra, o suffragio dos conventuaes na ordem conferiu-lhe a reitoria do collegio, preludio auspicioso dos despachos que em breve lhe sobrevieram. O primeiro, que a pouco espaço recebeu, foi o de juiz geral das tres ordens militares; e, como em seguida tivesse o ensejo de se apresentar perante um dos tribunaes superiores, onde fez exame vago, foi logo despachado desembargador dos aggravos da casa da supplicação. Depois d'esta nomeação teve outra muito considerada, a de deputado do santo officio na inquisição de Lisboa.

Não obstante o rumo afortunado que D. Francisco de Lemos seguia e os logares de representação que occupava, não quiz perder a occasião de dar provas das suas habilitações para o magisterio. Em 1765, onze annos depois de doutorado, começavam de rarear os professores nas cadeiras de direito pontificio, e importava provel-as de novo pessoal. Apresentou-se como concorrente e fez para a cadeira de Sexto a sua ostentação, consoante as determinações dos velhos estatutos. Era manifesto que não lhe convinha trocar pela carreira universitaria a que com tanta felicidade levava na magistratura; tirou, porém, do concurso novos creditos para o seu nome e motivos de recommendação para as honrosas incumbencias que depois lhe foram commettidas.

Os tempos corriam por então favoraveis para os homens de talento e actividade que, desprendidos de preconceitos e animados de boa vontade, condemnavam a rotina esteril em que vegetava o reino e anhelavam cooperar no melhoramento e transformação do estado social. O energico ministro de D. José, que conhecia o mal e tentava remedial-o, carecia de taes obreiros para levar a cabo a gloriosa empreza de restaurar as forças amortecidas da

nação. Onde quer que encontrasse auxiliares idoneos e devotados á sua obra, por elles repartia o trabalho e as mercès, como quem sabia recompensar os serviços e o merito. Quando pois contemplamos o movimento de reconstrucção e vivificação que tornou memoravel o reinado de D. José, em roda da gigantea figura do Marquez de Pombal, agente primordial e indefesso de tanta actividade, divisamos em labutação especial os homens mais notaveis da epocha. Trabalham uns pela depuração das boas letras e restauração das artes e sciencias; defendem outros as regalias nacionaes contra o exclusivismo da curia romana. Jurisconsultos notaveis preparam a reforma das leis e das instituições em conformidade com as ideias do seculo. Sente-se em todos os ramos de serviço publico a influencia do grande ministro e a direcção acertada de homens competentes. N'esta pleiada de intelligentes trabalhadores, empenhados todos nas prosperidades da patria, distingue-se D. Francisco de Lemos, já pela multiplicidade de suas aptidões, já pela habilidade e tacto fino com que sabia proceder na direcção de negocios arduos e complicados. Por isso, na distribuição dos serviços ordenados pelo ministro, coube-lhe o exercicio de cargos variados, de summa importancia, assim como o desempenho de commissões difficilimas, para que os seus dotes o indigitavam, como vamos referir.

A real mesa censoria, creada por carta de lei de 5 de abril de 1768 (1) e instituida para exercer severa censura sobre publicações que promoviam e radicavam o fanatismo nas classes, em que podiam mais os sentimentos de piedade do que a illustração, encontrou da parte de alguns prelados diocesanos e do seu clero

---

(1) Entre os dezoito deputados ordinarios, que primeiro constituiram a real mesa censoria, não se acha o nome de D. Francisco de Lemos. Temos por certo que pertenceu a este tribunal, embora não lograssemos descobrir o diploma e data da nomeação. El-rei na carta regia em que lhe fez mercê do logar de reitor da Universidade, qualifica-o deputado do santo officio e da real mesa censoria, etc.

profunda animosidade, sobre tudo quando a mesa, constituida em tribunal, acoimou de ineptas e prejudiciaes obras mysticas, publicadas anteriormente com a triplice approvação do santo officio, ordinario e desembargo do paço. O bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação, espirito eminentemente religioso e a cuja consciencia repugnavam algumas decisões do governo e da mesa censoria, entendeu que por dever do officio lhe cumpria acautelar as suas ovelhas dos perigos de heresia, e saiu a publico com a celebre pastoral de 8 de novembro de 1768, em que abertamente se contrapunha á auctoridade dos poderes constituidos, condemnando uns livros e recommendando outros. Do exame da pastoral, qualificada de erronea e sediciosa, concluiu a real mesa censoria, em consulta dirigida ao governo, que o infeliz bispo se precipitara em temerarios absurdos e atrocissimos crimes. Isto bastou para se proceder immediatamente contra o prelado com rigor excessivo. Conduzido para Lisboa debaixo de prisão lá o encerraram em carcere apertado, onde permaneceu por mais de oito annos. Ao cabido de Coimbra mandou-se declarar que o bispo incorrera no crime de lesa-majestade, e que por isso se devia considerar morto e a sé vaga. Ordenou-se-lhe que na fórma do Concilio Tridentino nomeasse vigario capitular para governar o bispado.

Mal se comprehende hoje quanto era difficil e melindroso governar então um bispado em que a superstição e o fanatismo dominavam em todas as classes, e onde o espirito publico, disposto pela quebra de relações entre Portugal e a Santa Sé, se resentia do abalo violento, resultante da prisão do prelado! A jacobêa ou seita dos sigillistas, espalhada pela diocese desde o reinado anterior, contava ainda proselytos no povo e no clero: e, com quanto se sentisse ameaçada de exterminio, não deixava de insinuar a crença em erros e desvarios perigosos. Surgiam duvidas de todos os lados; a anciedade era geral e o desgosto profundo. Inquiria-se a occultas da sorte do bispo, que uns suppunham morto, outros vivendo em martyrio; e as novas, falsas

ou verdadeiras, divulgadas por vezes com feição mysteriosa, augmentavam os receios e sobresaltavam as consciencias. Foi n'estas circumstancias que o cabido conimbricense, obedecendo á insinuação do governo, fez recahir em D. Francisco de Lemos a eleição de vigario capitular.

De sobejo conhecia o vigario eleito a agitação e os escrupulos que inquietavam o bispado. Não se entibiou com as difficuldades que antevia para tranquillisar as consciencias, e reconduzir á situação anterior os espiritos desvairados pela jacobêa. O trato benigno e affavel com que a todos se mostrava, abriu-lhe caminho para attrahir a confiança de uns e amizade de outros, e por este modo começou a inspirar o sentimento de que bem cabiam na sua pessoa os respeitos devidos á sua dignidade. E depois, empenhando o principal de seus cuidados na boa direcção dos negocios da diocese, a todos attendeu com atilado descernimento e prudencia sem se esquivar ao trabalho ou a sacrificio de commodidades. Occupou-se no expediente e prompto despacho dos requerentes para que se não sentisse a falta da primeira auctoridade ecclesiastica. E, porque seria ella mais sensivel, se não continuasse aos necessitados a costumada assistencia da caridade episcopal, acudiu com mão liberal á distribuição dos soccorros ordinarios, e espalhou outros que foram o pregão da sua generosidade e da sua grandeza d'alma. Providenciou sobre a falta de dispensas matrimoniaes no bispado e recommendou as boas doutrinas; contribuiu para o lustre e pompa do culto; acariciou o clero secular, com o que desfez attritos e socegou consciencias; mas sempre que foi necessario mostrar até onde chegava a sua auctoridade, não deixou duvidas de que governava com inteira jurisdicção e sem reserva. Houve-se, emfim, com tanto acerto e desvelo, que ao terminar o primeiro anno da sua administração, achavam-se claramente melhoradas as condições do bispado. Socegou a commoção geral; desappareceram os receios de schisma, e os puritanos do sigillismo, enternecidos d'antes pela sorte do bispo, cuja cabeça julgavam illuminada com a aureola dos mar-

tyres, tinham afrouxado nos escrupulos e nos enternecimentos (1).

Os serviços que D. Francisco de Lemos prestou convertendo em bonança esperançosa a tormenta que ameaçava a diocese, foram reconhecidos de todos. Apreciou-os principalmente o vigilante ministro, que o inculcara para tão ardua commissão, e que via n'elle competencia e meritos para mais subidos encargos.

Pelo tempo em que levamos os acontecimentos, mostravam-se coroados de bom exito os esforços que o governo empregara para levantar a nação do abatimento e inercia. Desenvolvia-se a industria, ampliava-se o commercio e a actividade nacional explorava com proveito outras fontes de riqueza. Sentia-se a prosperidade em todas as provincias da monarchia. A todas as instituições tinha chegado o beneficio de consideraveis melhoramentos; só a instrucção superior carecia ainda de reforma. Era então occasião opportuna para se tratar de tão momentoso assumpto, e para se restituir ao ensino a elevação e brilho, perdido havia dous seculos. Se exceptuarmos a recente fundação do collegio dos nobres, no reino não havia outro instituto de instrucção superior senão a Universidade de Coimbra, que se achava em extremos de decadencia, sem condições e sem pessoal idoneo para instruir a mocidade e para acompanhar o movimento scientifico da Europa culta. O Marquez de Pombal, que na sua obra de reformador procedeu arrojadamente e com o desassombro dos espiritos superiores, comprehendeu que nada havia de aproveitavel na constituição da velha Universidade; que era indispensavel extinguil-a totalmente e crear outra sobre melhores bases para a restauração dos estudos. Decidido, pois, a illustrar o reinado de D. José com a mais grandiosa de quantas reformas então se em-

---

(1) Coadjuvaram poderosamente os esforços do vigario capitular as energicas providencias com que o governo abafou a voz dos sigillistas nas ordens religiosas de S. Agostinho, S. Bento, Carmo, etc.

prehenderam, chamou a Lisboa D. Francisco de Lemos, com quem se abriu sobre a reforma que intentava. Certo da sua cooperação manifestou-lhe o muito que d'ella esperava, propondo-o a el-rei para o cargo de reitor da Universidade. O despacho da nomeação expediu-se por decreto de 8 de maio de 1770, e no dia 14 assignou o soberano a carta regia em que lhe fazia a mercê do logar de reitor com todas as honras, privilegios, liberdades e isenções inherentes por lei ao mesmo logar.

A noticia da nomeação precedeu a chegada do novo reitor a Coimbra, onde logo se originaram suspeitas e boatos de que se tratava de providencias de alcance para a Universidade. Suppunham uns que por ora começavam os preparativos para reforma que viam ainda longinqua; acreditavam outros que havia trabalhos preparados e que estavam para breve quaesquer innovações. Na proximidade dos grandes acontecimentos, quando ainda reinam incertezas, ou densa cerração encobre o futuro, ha em geral um periodo de excitação em que a esperança se alterna com o receio e os alvitres surgem encontrados. Foi o que se viu em Coimbra apenas correu a nova de se achar provida a reitoria. A cidade e o corpo universitario, concordes no desejo de que as escholas florescessem, consideravam sob intuitos differentes a influencia de futuras mudanças; ignorando, porém, os planos do governo e anhelando conhecel-os, todos aguardavam com impaciencia a vinda do reitor. Não tardou em apparecer. Logo que recebeu a carta regia que o acreditava perante o claustro, partiu de Lisboa para tomar posse do logar, em que havia de exalçar o seu nome e conquistar a sua gloria.

A prelacia da Universidade, accumulada com a do bispado, fortificada uma e outra pela confiança manifesta do Marquez de Pombal, cercaram D. Francisco de Lemos de tanto prestigio e respeito, como nunca tiveram os mais illustres de seus antecessores em qualquer dos dous empregos. Convencido de que muito convinha em tal conjunctura distanciar-se de assessores e subordinados, não prescindiu de formalidades nem de homenagens

ostentosas que fizessem realçar a sua auctoridade. Mal descançou das fadigas da jornada, escreveu ao vice-reitor, aos professores e conselhos dirigentes da Universidade para que dessem cumprimento ás regias determinações contidas no diploma que apresentou. No dia immediato (26 de maio de 1770) reuniu o vice-reitor o claustro pleno, perante quem mandou ler o officio e a carta de mercê. O claustro acatou o teor da carta firmada por el-rei, e resolveu que se inaugurasse o novo reitorado com os festejos do estylo. Nomeou dous lentes dos mais antigos para no acto da posse acompanharem o agraciado, e ao arbitrio d'este deixou a indicação do dia e do local de onde havia de sahir o prestito para a sua entrada. D'esta ultima clausula se aproveitou D. Francisco de Lemos para entrar pela cidade com tão luzido cortejo e apparato, como só costumava ver-se na recepção das pessoas reaes.

Pelas 3 horas da tarde do dia 29 de maio sahiu em liteira o novo reitor da quinta de S. Martinho, pertencente á mitra, para onde dias antes se tinha retirado. Veio precedido do secretario da Universidade e de muitas pessoas de distincção até ao convento de S. Francisco, onde o esperava grande concurso de povo e o corpo docente porque era d'alli que devia,começar a sua entrada solemne. Subiu á egreja, onde foi recebido respeitosamente pelo guardião á frente da sua communidade: depois de breve oração despediu-se, e montou a cavallo para occupar o seu logar no extenso prestito que já desfilava pela estrada e avenida do convento em direcção á ponte. O cortejo seguiu pelas ruas principaes da cidade até ao paço das escholas, em cujas salas se achavam para assistir ao acto da posse muitas pessoas de representação. A sala dos capellos, adornada com as melhores alfaias da Universidade, abriu-se á enorme multidão; e em claustro pleno, convertido então em assembleia publica, prestou D. Francisco de Lemos juramento e tomou posse do logar de reitor. A agglomeração ingente de povo, os ornatos de gala nas ruas do transito e os enthusiasmos espontaneos em que facilmente se

expandem as multidões, augmentavam o effeito apparatoso de tão notavel acompanhamento (1).

Passado o ruido e alvoroço das festas, o andamento universitario retomou a sua fórma habitual. O reitor occupou-se em colher informações exactas do estado do estabelecimento, e quinze dias depois de tomar posse do logar, entregou o governo da Universidade ao vice-reitor Fr. Pedro Thomaz Sanches, e partiu para Lisboa em virtude de ordens superiores. O Marquez de Pombal, empenhado em apressar os preliminares para a reforma

---

(1) São hoje quasi ignoradas estas particularidades, sem cujo conhecimento mal se podem apreciar outros factos da mesma epocha. Para não avolumarmos o texto damos em nota a curiosa descripção do cortejo, extrahida do assentamento e termo de posse que no livro dos conselhos fez o proprio secretario da Univeridade:

«Postas em fórma as pessoas de que se compunha aquelle numeroso quanto sabio esquadrão, sahiu o sr. reitor da egreja (de S. Francisco) e se montou no seu cavallo decentemente jaezado e a seus lados os dois lentes, nomeados para esta funcção, precedido dos seus collegiaes do collegio real dos militares que n'esta funcção se achavam ainda os que estavam ausentes. Principiou este nobre e vistoso acompanhamento por dous clarins, quatro xaramelas tudo a cavallo, e logo os dez verdeaes alabardeiros de pé; no fim d'elles o meirinho da Universidade com seu seguimento, os escrivães, officiaes de justiça e fazenda da Universidade vestidos á cortezã com aceado luzimento. Depois se seguiam os doutores de todas as faculdades e os lentes das quatro faculdades maiores com tanta gravidade e compostura, que fazia bem vistoso o dito acompanhamento. Aos lentes se seguiam os bedeis com suas maças, e logo eu secretario e mestre de cerimonias e immediatamente o sr. reitor entre dous lentes mais antigos e os seus collegiaes. Cobria todo este corpo o Dr. conservador montado em um soberbo cavallo com sua vara alçada; e depois se seguiam os familiares do sr. reitor uns de cavallo, outros de pé na fórma das suas graduações; e depois d'estes o guarda dos estudos a quem toca fechar estes e outros acompanhamentos. N'esta bem composta ordem se marchou pela ponte, rua da calçada e as mais d'esta cidade, se foi ao pateo da Universidade, sendo na terra grande o alvoroço e repetidos os vivas com que o povo applaudia o recebimento d'este grande prelado da Universidade» etc., etc.

dos estudos, carecia da assistencia do reitor, cujos esclarecimentos e assisados alvitres tinha em grande conta. Foi por este tempo que D. Francisco de Lemos, conhecedor do grande merito litterario e scientifico do celebre jesuita José Monteiro da Rocha, se decidiu a recommendal-o ao ministro, como homem que não se devia deixar viver na obscuridade, e cujos serviços seriam efficacissimos na reforma que se projectava. Encareceu com tanta confiança os predicados de Monteiro da Rocha, que o Marquez, não obstante a sua entranhada aversão para com os padres da Companhia de Jesus, acolheu favoravelmente a recommendação, e o ex-jesuita, esquecido até então, foi admittido em boa hora ao serviço do estado. Resolvidas, pois, algumas duvidas e estabelecidos topicos geraes que se coadunavam com a vontade do ministro, creou-se a Junta de Providencia Litteraria por carta de 23 de dezembro de 1770 para os seus vogaes «conferirem sobre a decadencia e ruina da Universidade, examinando as causas, ponderando os remedios, e apontando os cursos scientificos e methodos que se deviam estabelecer para a fundação dos bons e depurados estudos». Para esta Junta, presidida pelo Cardeal da Cunha e Marquez de Pombal, e em que entravam homens como José de Seabra e D. Manuel do Cenaculo, foi tambem nomeado D. Francisco de Lemos e seu irmão, o desembargador João Pereira Ramos d'Azeredo Coutinho.

Oito mezes depois apresentou a Junta, como primicias de seu trabalho, um extenso relatorio, que denominou *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra,* no qual correspondeu pontualmente ás recommendações explicitas da carta regia de 23 de dezembro e ás vistas do Marquez de Pombal. Louvou el-rei a solicitude da Junta e incumbiu-a de proseguir na formação dos planos de estudos e dos Novos Estatutos. O projecto geral da reforma e os planos que deveriam seguir-se na constituição de cada faculdade, achavam-se traçados com mestria nas paginas do *Compendio Historico;* importava, porém, converter em artigos de lei o que lá estava exposto em fórma de relatorio; desenvol-

ver e regulamentar a execução do projecto em todas as suas particularidades. N'esta difficil tarefa se empregaram os vogaes da Junta durante um anno; mas desde o começo da obra até ao ultimo retoque nem todos trabalharam com egual desvelo e assiduidade. Obliterou o tempo o contingente com que a maioria dos vogaes contribuiu na discussão da materia; o que, porém, chegou a nossos dias, e permanecerá na memoria dos vindouros, é a tradição, abonada pelo testemunho dos contemporaneos, de que na obra monumental dos Estatutos da Universidade trabalharam por toda a Junta D. Francisco de Lemos e o desembargador João Pereira Ramos, seu irmão (1).

Acabada esta commissão importante, e mandados vigorar os Novos Estatutos por carta de roboração de 28 de agosto de 1772, pertencia a D. Francisco de Lemos, na qualidade de reitor, dirigir a execução do novo codigo de leis academicas, e vigiar pelo

---

(1) Nenhum dos escriptores coevos teve a feliz lembrança de salvar do esquecimento os pormenores da reforma da Universidade. O que então era facillimo, por ser materia conhecida e trivial, escapa hoje a todos os esforços de investigação. Particularidades, que para os vindouros seriam de muito interesse, desappareceram da memoria dos homens com a geração que os concentrou em si.

A nossos dias chegou a noticia dos topicos principaes, um tanto escassa e incompleta. Para se julgar da obscuridade que progressivamente vae encobrindo as circumstancias do trabalho e dos obreiros que cooperaram na restauração das sciencias, bastará dizer que os escriptores modernos divergem na indicação dos auctores que collaboraram nos Estatutos.

Sabemos que a Junta de Providencia Litteraria se reuniu e discutiu em muitas sessões a organisação dos estudos; mas ignoramos qual a iniciativa de cada um dos vogaes, qual o assumpto de cada sessão e o resultado das discussões. É possivel que haja documentos de tudo isto em Lisboa nas secretarias do estado. Do que até agora temos visto e apurado sobre as cousas da reforma, somos levados a concluir que tanto o *Compendio Historico* como os novos *Estatutos* da *Universidade* se devem ao trabalho, quasi exclusivo, do desembargador João Pereira Ramos, de D. Francisco de Lemos e de José Monteiro da Rocha, que não pertenceu á junta.

seu exacto cumprimento. Ninguem, como elle, tinha por aquelle tempo competencia para implantar sobre as ruinas da velha Universidade a nova organisação de estudos, diversa inteiramente da que acabava de ser revogada. O governo, reconhecendo os serviços relevantes que prestara, e os não menos valiosos que ia prestar por outra fórma, distinguiu-o por carta regia de 11 de setembro de 1772 com a nomeação de reformador, cargo que accumularia com o de reitor e de que havia de prestar juramento nas mãos do visitador, que em breve viria á Universidade com jurisdicção privativa, exclusiva e illimitada. Honrado com tão subida prova de consideração e confiança, voltou da capital para reassumir o governo da Universidade, e iniciar a epocha brilhante e fecunda do seu primeiro reitorado.

O primeiro acto em que o achamos a intender nas cousas da Universidade, é o da presidencia do claustro que mandou reunir em 19 de setembro para lhe annunciar a proxima chegada do Marquez de Pombal como logar-tenente d'el-rei, e para se resolver como deveria ser recebido pela Universidade o representante do monarcha. O claustro, constituido de lentes e doutores, a quem pouco importava o recebimento, porque já se sentiam votados ao ostracismo universitario, descarregou no reformador reitor o que era de maior incommodo, e decidiu que se acompanhasse o Marquez desde a capella de Nossa Senhora da Esperança, como era costume em taes occasiões. Não descurou D. Francisco de Lemos as honras e pompas do recebimento, nem os preparativos para a hospedagem do logar-tenente d'el-rei. Ao encontro de tão illustre personagem sahiram as auctoridades, corporações e pessoas de representação; e todos, dispostos segundo as suas categorias, formaram o sequito apparatoso com que o Marquez de Pombal entrou em Coimbra na tarde de 22 de setembro de 1772.

A missão, que o energico ministro veiu desempenhar na Universidade, nobilita o reinado de D. José e assignala uma epocha notavel nos fastos da litteratura nacional. Munido de amplos poderes, como nunca em tempo algum tiveram os representantes

dos monarchas portuguezes, usou d'elles como quem desejava economisar tempo e acertar. Fez jurar com todo o apparato e solemnidade os Estatutos, por que se havia de governar a Universidade; completou a nomeação do pessoal docente, para o que muito concorreram as informações de D. Francisco de Lemos; distribuiu as collegiaturas por homens como Paschoal José de Mello, Antonio Ribeiro dos Santos e Ricardo Raymundo Nogueira; deu instrucções para a fundação de vários estabelecimentos universitarios e obviou a muitas difficuldades, que demandavam providencias com força de lei. Attendidas, pois, as mais instantes necessidades da occasião, despediu-se da Universidade, ainda antes da abertura das aulas, na antevespera da sua retirada para Lisboa. Na sala dos capellos, em pleno senado academico, ennobrecido já então com a presença dos novos professores, recrutados dentro e fóra do reino, proferiu o emphatico e bem conhecido discurso de despedida, a que respondeu o reitor com a lisongeira e quasi ignorada *falla* (1) de agradecimento pelos beneficios prestados ás sciencias. Na vespera da partida deferiu juramento a D. Francisco de Lemos pelo cargo de reformador, e foi este o ultimo acto official que o ministro visitador e logar-tenente d'el-rei praticou em Coimbra.

Tudo parecia preparado para começar o movimento escholar depois da sahida do Marquez, quando no apuramento para a matricula geral, em conformidade com a nova legislação, surgiram embaraços, que retardaram o andamento universitario. O ensino das disciplinas e ordem dos cursos antes da reforma não tinham similhança nem relação alguma com a methodica disposição de estudos segundo os novos Estatutos. Um estudante que tivesse frequentado e provado qualquer anno d'uma faculdade pelo antigo regimen, não tinha as habilitações que a nova lei exigia para se matricular no anno immediato da mesma facul-

---

(1) Tornou-a conhecida o Sr. A. A. da Fonseca Pinto, publicando-a no *Instituto,* vol. XXXII, 1884 a 1885.

dade. Alem d'isso, as cadeiras das novas faculdades de mathematica e philosophia parecia que só deveriam ter alumnos no primeiro anno. A accommodação d'estas faculdades, a acquisição de instrumentos para o ensino pratico, a multidão de consultas e pretenções, a que tinha de attender o reitor, augmentavam sobremodo as difficuldades. A tudo obviou com acertadas providencias o zelo e actividade de D. Francisco de Lemos. Apromptou regulamentos adequados á indole de cada faculdade para se effectuar a matricula conforme as habilitações dos estudantes. Obrigou os cursos de medicina ás aulas de mathematica e philosophia, que accommodou em casas provisorias; providenciou sobre a falta de livros para texto das lições, e resolveu duvidas que a cada momento se suscitavam e que não estavam previstas nas leis e regulamentos. Conseguiram tão diligentes esforços que as aulas da Universidade se abrissem em 16 de novembro e que o ensino proseguisse com regularidade no primeiro anno da reforma.

Estes e outros serviços relevantes não passaram desapercebidos ao Marquez de Pombal, que, vigilante sempre pela restauração dos estudos, recebia todos os correios noticia especificada do que se passava na Universidade. Além d'isso, sabia que o reformador reitor, ao passo que se desvelava por consolidar e tornar florescentes as novas escholas, não perdia de vista os negocios do bispado, e que tratava d'elles com tanto zelo, como se fora a sua unica occupação o desempenho dos deveres pastoraes. Vendo, pois, que tão diligente e fiel servidor do estado merecia dos poderes publicos galardão condigno, lembrou ao soberano os serviços que havia prestado, tanto no cargo de reformador reitor da Universidade, como no de vigario capitular da diocese. O soberano acolheu com benignidade a lembrança, e, quando já terminavam as ferias grandes, em setembro de 1773, nomeou a D. Francisco de Lemos bispo de Zenopoli, coadjutor e futuro successor do bispo de Coimbra. Já por este tempo se tinham concertado as desavenças entre Portugal e a Santa Sé; não houve pois da parte da Curia difficuldades para a confirmação

do novo bispo. A mercê obteve o applauso geral, como acontece sempre que as recompensas assentam em meritos reconhecidos; e o agraciado, movido dos estimulos que obrigavam o seu brio, justificou o acerto da nomeação, tornando proficua a sua actividade nos negocios da diocese e da Universidade.

A restauração dos estudos, conforme estava planeada nos Estatutos, era obra de tal magnitude, que para chegar a termo no espaço d'alguns annos demandava trabalho perseverante. Era condição impreterivel da reforma o estabelecimento d'um museu de physica e de historia natural; de laboratorio de chimica; de hospital e amphitheatro anatomico etc. Para tantas e tão diversas applicações tinha-se destinado a vasta casaria que fôra out'rora collegio dos jesuitas e estava desoccupada. Mas apezar da grandeza do edificio e dos seus accessorios não havia no interior salas apropriadas ao intento. De paredes a dentro tudo se dividia em corredores e cubiculos, como em geral acontecia nas vivendas das ordens religiosas. Era, pois, indispensavel deitar abaixo, por todos os lados, tanto quanto fosse necessario para a regularidade e amplitude de novas edificações.

Não houve obstaculo que o reformador reitor não vencesse para activar a reconstrucção, que era a instante recommendação e o desejo vehemente do Marquez de Pombal. Logo que foram approvados os projectos do engenheiro Guilherme Elsden, a quem o ministro encarregara dos desenhos e planos das obras, chamaram-se operarios de toda a parte e começaram os trabalhos em larga escala. Junto do estrado, que hoje antecede a entrada principal do Museu, havia uma capella dedicada a S. Francisco de Borja, que se prolongava de poente a nascente a entestar com a fabrica irregular e angulosa da cosinha do collegio. Desfeiavam o sitio pelo lado do sul uns casebres, qualificados de pobres tugurios na correspondencia official. Capella, cosinha e tugurios tudo desappareceu para que ficasse desaffrontado o grandioso edificio que surgia em volta das demolições. Julgar-se-ha do empenho com que o reformador reitor apressou as obras, sabendo-se

que as salas e todas as pertenças da magestosa frontaria do Museu foram delineadas e acabadas no curto espaço de anno e meio. Disposeram-se logo nos logares competentes os exemplares adquiridos para o estudo da historia natural, assim como alguns instrumentos e apparelhos de physica; e no dia 13 de maio de 1774, dia em que o Marquez de Pombal completava setenta e cinco annos de edade, festejou-lhe D. Francisco de Lemos o anniversario com a solemne inauguração dos gabinetes de sciencias naturaes, contados depois entre as glorias mais luzidas da reforma.

Nos annos immediatos concluiram-se no mesmo edificio as repartições para o novo hospital e estabelecimentos de medicina. No sitio em que esteve a cosinha dos jesuitas delineou-se com largueza sufficiente o laboratorio de chimica, cuja construcção correu a principio accelerada e depois afrouxou. Ainda hoje está por acabar o frontão do peristyllo na fachada principal. O observatorio astronomico, em cuja traça sobresahia a sumptuosidade e grandeza, e as accommodações para a officina typographica, em que tanto insistiu o ministro, entretinham muitos operarios. Onde, porem, tentava o reformador reitor dar largas á sua actividade e assignalar-se por obras de altivo pensamento e bom gosto, era na construcção do horto botanico, comprehendido entre os collegios de S. Bento e S. José dos Marianos. Era de taes dimensões e de tanto lavor artistico o plano que submetteu á approvação do Marquez de Pombal, que este, apezar das suas tendencias para obras grandiosas, não assentiu á proposta do prelado: mandou reduzir as dimensões do plano e eliminar o luxo exuberante de cantarias. Cingiu-se o prelado ás determinações do ministro; mas não desistiu do intento de fazer vingar em outra occasião, ao menos a parte mais saliente do projecto.

O primeiro despacho de D. Francisco de Lemos para o logar de reitor restringia a tres annos, como era costume, o exercicio do cargo. Muito antes de findar o triennio foi nomeado reformador e junctamente reitor. N'um e n'outro cargo foi reconduzido por

novo triennio em 1775. Correspondeu á confiança que n'elle tinham o ministro e o soberano, proseguindo com vigilante cuidado na direcção das cousas da Universidade para firmar a nova ordem d'estudos. Tornou exequivel nas aulas a frequencia obrigatoria, o que contrastava com os abusos inveterados na prova dos cursos antes da reforma (1). Nos exercicios escholares, diarios e semanaes, exigiu a exacta observancia dos Estatutos, como quem sabia que da execução cabal d'estes pontos fundamentaes pendiam os creditos da Universidade. Estabeleceu formulas para os actos e praxes adequadas ao serviço academico. Ao mesmo tempo que dentro do paço das escholas vigiava pelo andamento regular do ensino, attendia para as construcções materiaes, que a todo o momento careciam da intervenção do reformador reitor. Foi esta actividade persistente que, rompendo por todas as difficuldades, conseguiu formar simultaneamente edificios monumentaes e uma academia disciplinada.

Levava D. Francisco de Lemos em bom caminho a restauração das sciencias, quando um accidente, ha muito esperado, o fallecimento d'el-rei D. José, em 24 de fevereiro de 1777, o veiu perturbar e pouco depois desviar do serviço da Universidade. Prevendo a commoção e as mudanças que a tal acontecimento se seguiriam, e que forçosamente se haviam de repercutir em Coimbra, concluiu por avaliar quanto era melindrosa a situação em que se achava. Movido, pois, pelo justo receio de descortezias, pediu e obteve licença para se ausentar; e pelo meado de março sahiu para Lisboa onde teve demora prolongada (2).

---

(1) A relaxação na antiga Universidade chegou a tal ponto, que um estudante, para provar o anno, escusava frequentar as aulas; chamava ante o bedel dois condiscipulos que testemunhavam a sua frequencia, e sem mais averiguações se lavrava o termo da prova.

(2) A prudencia aconselhava que o reformador reitor se retirasse. Os tempos corriam agitados; refervia nos animos grande exaltação. Nas proximidades da vinda do bispo D. Miguel da Annunciação, o enthusiasmo de

As mudanças, que o reformador reitor antevia, começaram nos conselheiros da corôa e d'alli partiram para as camadas inferiores. O Marquez de Pombal, que occupava o ponto culminante, foi o primeiro derribado. Contra elle se levantaram brados clamorosos, porque na sua prospera administração nem sempre trilhou a senda da equidade e da justiça. O grande ministro, que levantára Portugal do abatimento e mostrára á Europa que voltava a ter esplendor a nação, cujos dominios se extendiam do Brazil á India e China, era imperioso e violento, e deu mostras d'estes predicados em muitas das suas resoluções. Não era, pois, de estranhar que ao vel-o cahido do poder levantassem voz em grita as victimas da sua oppressão. Excitavam os clamores o aspecto e narrativa d'aquelles que, tirados dos carceres pela benignidade da rainha, publicavam as severidades excessivas com que tinham sido tratados. Desencadeou-se, pois, tão furiosa tempestade contra o procedimento severo do Marquez, que, a não lhe valer a clemencia da soberana, seriam esquecidos os seus grandes serviços para lhe applicarem pena maior que a de desterro.

Não se vociferava só contra as arbitrariedades do ministro demittido; indigitavam-se tambem para a vindicta os funccionarios

---

todas as classes para o trazerem em triumpho attingiu os limites do delirio; só a Universidade não participava do bulicio. O vice-reitor, ou por deliberação propria ou por dar satisfação ao publico, reuniu o claustro em 19 de agosto. Ponderou o alvoroço que ia pela cidade, e submetteu á discussão o que a Universidade deveria fazer. A Universidade manteve-se no seu posto. Desde logo se ponderou que o Corpo Universitario era **ISENTO**; e em resultado da discussão, que de certo não correu favoravel á pretenção dos enthusiastas, assentou-se «que, em attenção a ter sido o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Miguel lente da Universidade antes de conego regular de S. Agostinho; e depois de conego da dita congregação ter sido cancellario da mesma Universidade, fossem dous lentes cumprimentar o dito Sr. D. Miguel a sua casa, quando elle chegar a esta cidade.... e que o assim accordado pelas circumstancias que largamente se ponderaram, se fizesse sem exemplo para o futuro.» (Archivo da Universidade, livro dos claustros.)

que no reinado de D. José tinham merecido a confiança do governo. Foi tal a aversão para com o Marquez de Pombal e seus sequazes, que das pessoas se tornou extensiva ás cousas, e chegou a opinar-se pela destruição do que se tinha erigido no reinado findo. O alvo de tão ruins paixões era visivelmente a Universidade. O novo governo e o sequito que rodeava o throno conceberam o proposito de despedir o reformador e acabar com a reforma. Apenas D. Francisco de Lemos presentiu o que se machinava nas altas regiões, não lhe soffreu o animo deixar o campo desembaraçado aos que tentavam destruir o maior florão de gloria do reinado de D. José. Magoava-o profundamente a cogitação de que por instinctos de barbara vingança se ousasse tocar na obra grandiosa, em que elle empregára tantas vigilias e tão aturada contensão de espirito. Resolvido, pois, a combater pela manutenção da Universidade restaurada, compoz e offereceu á rainha uma extensa *Memoria*, em que evidenciou as causas e a necessidade da restauração litteraria, assim como as vantagens que d'ella já provinham á nação e outras mais copiosas, que no futuro se esperavam. «Provou com argumentos irrespondiveis que sua magestade tinha a rigorosa obrigação de sustentar o novo edificio litterario, como o monumento mais glorioso do reinado de seu augusto pae.» (1).

Calaram no animo da soberana as razões expostas na *Memoria;* e os proprios aulicos, que tinham assentado em destruir a reforma, sentiram-se abalados pelos argumentos e pela energica

---

(1) São expressões com que encarece a *Memoria* o Dr. Antonio José da Rocha n'uma das notas do sermão acima citado.

Para se julgar do merecimento da *Memoria* e da impressão que causou nos ministros de D. Maria I, citaremos o seguinte trecho d'outra nota do douto dominicano. «Quando o principal Castro veiu reformador reitor para a Universidade, o ministro d'estado, marquez de Ponte de Lima lhe entregou a *Memoria,* dizendo-lhe: *leve vossa excellencia para a Universidade este livro que foi quem a salvou da sua ruina*».

firmeza com que o prelado da Universidade lhes investiu o proposito. Frustraram-se d'este modo as tentativas de destruição, e os estudos universitarios, salvos da ruina imminente pela ousada resolução do reformador reitor, ficaram subsistindo como se achavam instituidos e organisados. Este serviço importantissimo, prestado á Universidade e á nação, engrandece D. Francisco de Lemos e torna-o credor de publica estima e consideração. Foi com elle que, após nove annos de lucta pelas sciencias, fechou o cyclo aureo do seu primeiro reitorado.

Depois de vinte e nove mezes de ausencia, interrompida por curta visita á Universidade, voltou para Coimbra, conhecedor de que se procurava quem o substituisse na reitoria. Ainda presidiu a um claustro nos principios de agosto de 1779. Mas, como pouco depois falleceu em Semide o bispo D. Miguel da Annunciação, a quem se restituira a diocese, quando sahiu da prisão, tomou D Francisco de Lemos posse do bispado, e declinou no vice-reitor o expediente universitario até á chegada do novo prelado, cuja nomeação se esperava de um para outro dia. Por despacho de 25 de outubro foi emfim nomeado reformador reitor da Universidade o principal Mendoça, e desde então ficou D. Francisco de Lemos desobrigado de superintender no serviço academico. Deixava por concluir as edificações materiaes; mas a restauração dos estudos ficava solidamente estabelecida e o ensino florescente. Alliviado pois dos encargos de reformador reitor, pôde entregar-se com desafogo aos negocios da diocese, com a posse da qual assumiu os titulos de bispo de Coimbra, conde de Arganil e senhor de Coja.

A passagem de bispo titular para a collocação definitiva n'um dos logares mais considerados do episcopado portuguez abre na vida do illustre prelado um periodo de particular applicação ao sacerdocio e aos deveres pastoraes. Para esta concentração, um tanto discorde da sua indole e opposta aos habitos contrahidos em trabalhos de largo folego durante annos, e sempre em convivencia com a alta sociedade, concorreram mais as circumstan-

cias politicas da epocha do que os impulsos da propria vontade. Embora se não descobrissem no procedimento de D. Francisco de Lemos os laivos que desvirtuavam os serviços de alguns funccionarios no ultimo reinado, bastava a sua reconhecida dedicação ao Marquez de Pombal para desmerecer no conceito do governo e da côrte. Á perspicacia do prelado não escaparam as friezas d'uns, nem o afastamento d'outros, que pouco antes lhe rasgavam cortezias; e como os ares de desconfiança e os cumprimentos fingidos repugnavam ao seu brio e á sua dignidade, resolveu aproveitar qualquer pretexto ou ensejo favoravel para se subtrahir airosamente ao que poderia attingir pontos de menos respeito. Quiz a sua fortuna que a morte por esta occasião pairasse juncto ao leito do seu antecessor. Chegava-lhe em conjunctura opportuna a vez de passar, máo grado os adversarios, para mais luzida posição na hierarchia ecclesiastica. Partiu da capital, não com a pecha de decahido, mas com a opinião de que vinha elevar-se em Coimbra. Este conceito desvanecia-o; para o não perder, decidiu-se a fazer valer a mitra e a conservar-se, apoiado no baculo, onde era reconhecida de todos a sua supremacia.

Longe do bulicio da côrte e das intrigas politicas empregou D. Francisco de Lemos a sua actividade, durante muitos annos, em pastorear no redil da sua jurisdicção. Tinha este condão de saber amoldar-se ás differentes condições da vida. Para que melhor podesse conhecer e remediar quaesquer necessidades, relacionadas com o seu ministerio, sahiu em visitação pelo bispado e examinou cuidadosamente as circumstancias em que se achava. Por onde quer que passou, não houve pobres que não soccorresse nem tristezas que não alliviasse; e ao mesmo tempo que assim mostrava a sua benignidade, emendou com zelo apostolico desvios reprehensiveis e insistiu pela manutenção da disciplina da Egreja. Affavel com todos e compassivo para com os infelizes, captivou por toda a parte o affecto cordeal dos diocesanos.

Entre os muitos negocios a que teve de attender mereceu-lhe

particular desvelo a instrucção e lustre do clero. Elaborou para o seu seminario estatutos e um plano de estudos ecclesiasticos, elogiado por mui judicioso e que alguns reputaram obra acabada. Confiou o ensino a professores illustrados e que se apontavam como dignos de entrarem na ordem episcopal. Favoreceu os talentos desvalidos; e, para que não parecesse que esquecia os herdados da fortuna, mandou imprimir á sua custa e distribuir gratuitamente por todos os alumnos os livros accommodados á sua instrucção. Estes actos de sincera dedicação pelo desenvolvimento intellectual do clero não foram sementes perdidas; fructificaram admiravelmente, pois que não só levantaram a illustração do corpo ecclesiastico da diocese, mas fizeram tambem com que os discipulos do seminario conimbricence se habilitassem para ensinar com muitos creditos differentes disciplinas.

Proseguia D. Francisco de Lemos na exclusiva applicação de beneficiar a sua diocese, quando um triste caso o veio consternar e ao mesmo tempo proporcionar-lhe ensejo de mostrar a fina tempera do seu caracter. O grande Marquez, seu patrono decahido, que vivia desterrado na villa do nome do marquezado, falleceu em 8 de maio de 1782. Apenas chegou á noticia do illustre prelado a nova do infausto acontecimento, partiu e fez sahir de Coimbra para Pombal clerigos, musicos, artifices, serventuarios, alfaias do culto e tudo quanto podesse engrandecer a solemnidade e pompa das exeqnias de corpo presente que se propunha fazer ao seu perseguido amigo e bemfeitor. No dia 11 celebrou-lhe a funebre ceremonia com a ostentação e grandeza correspondentes á sua magnanimidade. E não pararam n'isso os impulsos de seu affecto; como ultimo adeus e testemunho de saudade pelo amigo, que fôra o maior estadista de Portugal, compoz-lhe o epitaphio conciso e expressivo, em que desabafou contra o procedimento da ingrata Universidade, que não deu uma demonstração de sentimento pela morte do seu restaurador.

A isenção com que o bispo de Coimbra se occupava em suffragios ruidosos pelo eterno descanço do homem que era então

o alvo de invectivas, odios e perseguições, pareceu a muitos ousadia e a outros provocação affrontosa. Entre os altos funccionarios, nos salões da aristocracia fallava-se com acrimonia contra o que denominavam atrevimento do bispo. Até no paço real causou estranheza o desassombro com que se fizeram as exequias. Todos se indignavam e aceravam a lingua; mas ao mesmo tempo que vociferavam, parece que um abalo interior lhes despertava o sentimento de que os funeraes ostentosos representavam a firmeza de caracter e a nobreza d'alma de D. Francisco de Lemos. O seu procedimento, tão combatido e censurado, contrastava com a baixeza d'uma sociedade de aduladores que insultavam as cinzas do grande Marquez, de quem tinham recebido beneficios. Só elle, movido pela amizade e pelo sentimento do dever, arrostou com a opinião e veio depor o seu tributo de gratidão juncto ao tumulo do amigo que o elevara emquanto foi poder. Os odios e rancores, que nada edificam, passam; as grandes acções, que nobilitam e são exemplos edificantes, nunca esquecem. Por isso quando n'um lance retrospectivo comparamos a ingratidão e os intuitos vingativos d'aquella sociedade com o ousado procedimento de D. Francisco de Lemos, parece que a sua estatura de conde mitrado assume proporções d'insolita grandeza; similhante á majestade da columna que fica de pé, quando em volta tudo cahiu em ruinas.

Os annos foram gastando as paixões, e os acontecimentos succederam-se por fórma, que de dia para dia tornaram mais conspicuo e respeitado o bispo D. Francisco de Lemos. D'entre os factos d'aquella epocha apontaremos os seguintes, que deram muito relevo a seus meritos. O principal Mendoça, que lhe succedeu nos logares de reformador e reitor, governou a Universidade por dois triennios, que foram dois infortunios seguidos para o andamento regular dos novos estudos. O serviço academico correu como se não houvesse prelado; a relaxação da disciplina appareceu logo com as desordens que lhe são inherentes. Era ainda cedo para se chamar D. Francisco de Lemos, para quem

todos apontavam; quiz porém a fortuna que o governo acertasse em nomear o principal Castro para os logares de reformador e reitor.

A energia d'este reformador cohibiu os abusos, restabeleceu a disciplina e a observancia rigorosa dos Estatutos. Os doze annos do seu reitorado salvaram os creditos da reforma e tornaram a Universidade florescente. Quando chegou a occasião de se lhe dar successor, convergiram as vistas para D. Francisco de Lemos, como se fôra o unico habilitado para tão importante commissão.

Por este tempo já elle entretinha estreitas relações com os homens de maior importancia politica, e influia na direcção dos negocios com a auctoridade do seu conselho e valimento. Quando em 1794 se tractou da creação da Junta da Directoria Geral dos estudos, foi muito discutida e disputada a séde que havia de ter, sendo que opiniões de muito respeito concordavam em que devia ficar em Lisboa. A intervenção de D. Francisco de Lemos fez com que lhe dessem collocação em Coimbra juncto da Universidade. O seu voto era muito considerado, sobre tudo em assumptos de instrucção publica. Por isso, quando pela retirada do principal Castro vagou a prelazia da Universidade, todos julgaram que ninguem, como elle, tinha competencia para occupar aquelle logar. Cedendo a instancias repetidas, acceitou a nomeação de reformador reitor para que foi pela segunda vez despachado por carta regia de 13 de maio de 1799.

Não obstante os serviços valiosos que o principal Castro havia prestado á Universidade, notava-se que as ideias dominantes no ensino pouco differiam das que tinham dominado no principio da reforma, e todavia nos vinte e cinco annos posteriores as sciencias naturaes tinham progredido consideravelmente. D. Francisco de Lemos, que conhecia isto, cogitou nos meios de nivelar o ensino com os adiantamentos scientificos. No reino não havia possibilidade de habilitar professores com os conhecimentos praticos e technica experimental das sciencias da natureza; cortou

a difficuldade, concebendo e realisando a luminosa ideia de mandar a Inglaterra e França alguns dos novos professores ou aspirantes ao professorado com o fim especial de se instruirem na pratica d'aquellas sciencias e de importarem para a Universidade os adiantamentos das melhores escholas extrangeiras. Mandou preparar pelas respectivas faculdades as instrucções que deviam observar os commissionados; á Junta da fazenda ordenou o pagamento dos subsidios, e d'este modo resolveu a partida dos doutores em medicina, mathematica e philosophia que lhe pareceram mais aptos para o desempenho das commissões. Ao passo que velava pelo esplendor das escholas superiores, não esquecia as menores. Como presidente da Junta da Directoria geral dos estudos começou a dar forte impulso á instrucção primaria e secundaria, já pela creação de muitas cadeiras, já pela melhoria dos ordenados dos professores.

Tantos e tão bem auspicados esforços pela instrucção eram dignos de resultados prosperos. Infelizmente a invasão franceza tudo transtornou e destruiu! A Universidade resentiu-se profundamente da influencia calamitosa da guerra, que não só lhe malogrou as tentativas de adiantamento, mas até a privou por espaço de seis annos da assistencia do seu bemquisto prelado.

O general Junot, commandante do exercito invasor, pouco depois de se assenhorear de Lisboa, tractou de enfraquecer Portugal para melhor segurar o reino. Por este motivo mandou para França a flor do nosso exercito, e na mesma direcção fez caminhar uma commissão de portuguezes notaveis, em quem suppunha capacidade dirigente, e que pela sua posição social podiam servir de refens. Um dos membros da commissão foi D. Francisco de Lemos, que na edade de setenta e tres annos se viu obrigado a desterrar-se da patria para se expor ás contingencias de prisioneiro em paiz extranho. Em 17 de março de 1808 sahiu de Lisboa para Madrid, e de lá continuou a travessia da peninsula até Bayonna. Aqui deviam os commissionados apresentar-se ao imperador Napoleão. De Bayonna seguiu para Bordeus, onde, sob

pretextos especiosos, o demoraram em captiveiro disfarçado. O mesmo aconteceu aos restantes membros da commissão, que, por não contarem com taes delongas, receiavam a escassez de recursos. Lembraram-se um dia de pedir ao imperador um subsidio para as despezas do passadio ordinario. D. Francisco de Lemos declarou-lhes que para si nada pediria aos oppressores da sua patria. Este rasgo de fidalga independencia, proprio do seu caracter, embaraçou um pouco os companheiros.

Tinham elles por vezes, durante os dois annos de detenção em França, solicitado a permissão de se retirar para Portugal. Baldadas foram sempre as esperanças de despacho favoravel. Quando menos o pensava, recebeu D. Francisco de Lemos, por ordem do imperador, uma carta do ministro da guerra em que lhe permittia o regresso á patria, onde deveria apresentar-se ao marechal Massena, commandante do terceiro exercito invasor. Sahiu de Bordeus em 15 de setembro de 1810; e, como a carta do ministro da guerra lhe servia de salvo-conducto, veio encostado ás tropas francezas, que atravessavam pelo norte da Hespanha. Dirigiu-se a Burgos, Valladolid, Salamanca, e de lá se encaminhou para Ciudad Rodrigo, d'onde em 9 de novembro entrou por terras de Portugal e veio descançar em Nave de Haver. Tinham-lhe causado grande incommodo os abalos de successivas jornadas durante muitos dias. Encontrou alli o official, depois general muito conhecido, Claudino Pimentel, por cujo conselho evitou a estrada mais curta, reputada então pouco segura, e proseguiu viagem por Alverca, Moimenta da Beira e Vizeu em direcção a Coimbra (1). Quando já estava na Mealhada, proximo a entrar no seu paço e a descançar de tantas e tão continuadas fadigas, apanhou-o de surpreza uma intimação formal para se recolher ao Porto, indicio certo de perfidos enredos durante a

(1) Consta do diario da viagem, publicado no *Conimbricense* de 8 e 11 de janeiro de 1873.

sua ausencia e das inquietações que o aguardavam na patria. Recebeu a intimação, e caminhou logo para aquella cidade.

Mal diria o venerando prelado que o zelo e a furia de irrequietos patriotas o haviam de malsinar aos setenta e seis annos de edade! A demora em Bordeus contra a sua vontade, a viagem por Hespanha em companhia de tropas francezas, o salvo-conducto do ministro da guerra, tudo serviu de pretexto para o alcunharem de jacobino e de traidor. O desvario patriotico designava por aquelles nomes quem quer que ousasse manifestar uma ideia favoravel á França. As accusações aleivosas cahiram e desappareceram, como nuvem de tenue poeira que o vento expelle e dissipa. Ao magistrado incumbido do inquerito respondeu D. Francisco de Lemos com a serenidade e lisura de quem não receiava as averiguações judiciaes. Entregou-lhe os papeis que se reputavam compromettedores, e entre elles a carta do ministro da guerra; e deu tão claras e tão concludentes razões do seu procedimento, que a ninguem era licito duvidar das suas rectas intenções nem dos perigos a que se expozera por amor da patria.

A sua justificação foi cabal e convincente, de nada mais carecia; mas a desconfiança e os exaggeros dos que se compraziam em o molestar fizeram com que lhe prolongassem o desterro. A justiça dos perseguidos caminha lentamente e chega por vezes tardia, mas acaba sempre por desfazer as oppressões e confundir os oppressores. Os serviços assignalados que D. Francisco de Lemos prestara durante cincoenta annos na vida publica, e, mais do que elles, as suas virtudes echoaram na consciencia geral e despertaram um grito em prol do respeitavel ancião, vexado, então, mais pela indifferença dos juizes do que pela malicia dos denunciantes. O brado espontaneo que desde logo o proclamou inculpado repercutiu-se ao longe, perturbou os seus inimigos e alcançou-lhe a liberdade.

Havia seis annos que o illustre prelado se achava exilado da sua diocese; para ella se dirigiu, logo que pôde dispor de si livremente. Apenas constou em Coimbra que D. Francisco de Lemos

voltava a assumir a prelacia episcopal e universitaria, desentranhou-se a cidade em transportes de alegria. Em todos os pensamentos desabrochou a ideia de lhe sahirem ao encontro e de lhe festejarem a entrada com as mais subidas demonstrações de jubilo. Quarenta e tres annos antes o sequito da sua entrada, como reitor, foi disposto e regulado consoante as praxes da etiqueta official. Agora nenhumas regras de cerimonial podiam conter a multidão. Não era a obrigação que constrangia esta ou aquella classe a prestar homenagem a um superior; era o affecto vehemente, que congregava todas as classes no mesmo sentimento de testemunharem ao seu prelado que haviam sentido tanto os seus desgostos, quanto exultavam pela sua liberdade. Por isso no dia 23 de dezembro de 1813 Coimbra inteira, arrebatada de enthusiasmo fervoroso, sahiu a receber o seu bispo venerando e a acompanhal-o em triumpho dos arrabaldes da cidade até ao solio na cathedral. Correram lagrimas de alegria, que são a mais eloquente expressão do jubilo que se passa n'alma; e o preclaro antistite, alvo de tão espontaneas e calorosas demonstrações, grato e profundamente commovido, bemdizia os seus diocesanos que lhe compensavam as agruras de seis annos com a recepção affectuosa d'aquelle dia (1).

Restituido ao seu paço, livre e desembaraçado de injustas accusações, continuou D. Francisco de Lemos a exercer as funcções episcopaes junctamente com as de reformador reitor. A invasão franceza tinha causado no reino graves perturbações: o commercio, a industria, todo o movimento e vitalidade das instituições publicas se resentiram das violencias da guerra, e luctavam com difficuldades para se restaurarem. Na Universidade, onde o abalo fôra profundo, tornou-se sob todos os aspectos mui sensivel o enfraquecimento; e para cumulo de infelicidade tudo então conspirava para que não podesse ter prompto reme-

(1) Acha-se a noticia da recepção no *Jornal de Coimbra*, vol. v, pag. 354.

dio. Vendo pois o reformador reitor que os tempos não corriam favoraveis para melhoramentos na instrucção, e que nenhum trabalho se emprehenderia com bom exito, emquanto durasse o estado oscillante da Europa e a côrte portugueza residisse no Rio de Janeiro, adiou os projectos de maior alcance, e deteve-se no expediente e na continuação das obras materiaes.

O horto botanico, executado segundo as ordens do Marquez de Pombal, era um cerco estreito, sem arte e sem belleza. Não se conformava o reformador reitor com tal mesquinhez, que destoava da grandeza dos restantes estabelecimentos universitarios. Já que o não podia adequar ao seu plano favorito, que o Marquez lhe desapprovara, ao menos queria reformal-o e deixar uma obra digna do seu nome e da Universidade. Ampliou-lhe a extensão para o lado do sul; transformou os accidentes do solo em proporcionados terraplenos e embellezou o lado principal que olha ao nascente, com a formosa gradaria em que a simplicidade e a elegancia se harmonisam com a solidez.

Obras de tanto dispendio esgotaram os cofres universitarios e absorveram por muito tempo as sommas destinadas para os ordenados do pessoal docente. Seguiram-se queixas que não foram attendidas, e das queixas se passou á invectiva contra o procedimento arbitrario do prelado, que lançava os funccionarios na miseria para levantar obras de arte grandiosas. Por isso aquelle padrão da sua gloria foi origem de dissabores que o atribularam nos ultimos annos da vida como em outro escripto narrámos. (1).

O tempo e as inquietações da vida acabam emfim por consumir a existencia. D. Francisco de Lemos, que empregara a sua em sessenta annos de vida publica sem nunca afrouxar no trabalho nem declinar encargo espinhoso, sentia-se vergado sob o peso dos annos. A sua edade requeria descanço e os carinhos

---

(1) *Memoria Historica e Commemorativa da Faculdade de Medicina nos cem annos decorridos desde a reforma em 1772*, pag. 127 e 128.

que alegram e confortam a velhice. N'esta conjunctura o governo nomeou-lhe para coadjutor e futuro successor no bispado e no logar de reformador reitor D. Francisco de S. Luiz, digno successor de tal varão, e luminar esperançoso n'uma e n'outra prelacia.

D. Francisco de Lemos, que já n'esta occasião declinava para o termo de seus dias, deu ainda prova exuberante do vigor das suas faculdades na supplica dirigida ao secretario de estado em 20 de agosto de 1821, para em seu nome agradecer a El-Rei a cooperação de tal coadjutor, e ao mesmo tempo pedir-lhe que tornasse desde logo effectiva a nomeação de D. Francisco de S. Luiz para o logar de reformador reitor da Universidade. O governo annuiu aos desejos do prelado e em 11 de setembro concedeu-lhe a exoneração d'aquelle cargo.

Nas eleições para as côrtes geraes e constituintes da nação, abertas em janeiro de 1821, foi D. Francisco de Lemos eleito deputado pela sua provincia do Rio de Janeiro. A edade, os incommodos e o desengano talvez das cousas do mundo desviaram-no de comparecer no congresso nacional. Quaesquer que fossem porém os motivos da sua abstenção, impunham-se ao respeito, porque partiam de quem nunca se esquivara a sacrificios e envelhecera no serviço da patria.

Desprendido das vaidades terrenas e enlevado na contemplação da bemaventurança celeste, consagrou os ultimos tempos da vida ao ministerio do sacerdocio e a praticas religiosas. N'este exercicio de piedosa devoção, preparo ineffavel para uma alma que aspira á mansão dos justos, o apanhou a doença de que veio a fallecer em 16 de abril de 1822, onze dias depois que completara oitenta e sete annos de edade.

Desempenhou-se o cabido nobremente dos seus deveres, suffragando com funebre pompa a alma do prelado que com tanto lustre e gloria governara a diocese de Coimbra.

Tributo espontaneo de admiração e saudade foram as exequias deslumbrantes, com que a generosa mocidade academica honrou

a memoria do seu reformador reitor, e sempre desvelado protector.

Só a Universidade não teve uma palavra de gratidão para commemorar os serviços de quem tanto cooperou no seu engrandecimento!

Quebra hoje este silencio do corpo cathedratico o mais obscuro dos seus membros e o menos idoneo por certo para celebrar os meritos relevantes de D. Francisco de Lemos; sirva-lhe de desculpa que cedeu a instancias para depor n'esta publicação universitaria o seu testemunho de respeito pelo homem que, depois do Marquez de Pombal, maiores serviços prestou á instrucção superior em Portugal.

*B. A. Serra de Mirabeau.*

# ORAÇÃO DE SAPIENCIA

# ORAÇÃO DE SAPIENCIA

RECITADA

NA SALA DOS ACTOS GRANDES

DA

# UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NO DIA 16 DE OUTUBRO DE 1888

PELO

**Dr. ANTONIO DOS SANTOS VIÉGAS**

Lente de Prima da Faculdade de Philosophia

Illustres Academicos,
Mestres e Alumnos:

De novo se abrem as portas d'este vasto recinto para celebrarmos a mais solemne e a mais aprazivel de todas as festas academicas, a inauguração de um novo anno de estudos com a distribuição dos premios aos alumnos das differentes Faculdades, que no ultimo anno mais se distinguiram pelo seu talento e applicação.

Em observancia das praxes universitarias, fundadas em salutares prescripções dos nossos Estatutos, corre-me este

anno a obrigação de pronunciar o discurso inaugural, conhecido pelo nome de *Oração de Sapiencia,* e destinado, segundo parece, a inspirar no vosso animo o amor da sabedoria, exaltando os meritos e preconisando as vantagens dos diversos ramos de sciencia, estimulando os vossos brios e incitando a vossa dedicação para a sua cultura e aperfeiçoamento. Facil empreza na verdade, para quem possua o dom da eloquencia e disponha dos recursos de uma vasta erudição; mas difficil para mim, que, não possuindo esses dotes preeminentes, subo a este logar constrangido pela posição que occupo no senado academico, e unicamente com o fim de cumprir os deveres do meu cargo, até onde as minhas forças o permittirem.

Muitos e sabios mestres me têm precedido n'esta tribuna; e o assumpto, de que me cumpre fallar-vos, tem sido tantas vezes tratado, e com tal exuberancia de doutrina, variedade de conceitos e esmero de linguagem, que, por mais que eu me esforçasse, seria baldado o meu empenho de apresentar-vos alguma novidade na idéa ou na forma.

Julgar-me-hei feliz, se, rastejando os meus illustres predecessores, podér conciliar por alguns minutos a vossa benevola attenção.

O elevado objecto da sabedoria, a unidade fundamental dos conhecimentos humanos e a suprema dignidade da sciencia, eis o thema do meu pequeno discurso. Serei breve, sem a pretenção de agradar.

* * *

A sabedoria é o conhecimento da verdade, que se acha escripta no grande livro do universo sob uma infinita variedade de formas. A interpretação racional d'estas formas, tão diversas e complicadas, constitue o trabalho da intelligencia humana. Tudo quanto a nossa razão pode alcançar, pelas

suas proprias forças ou com o auxilio externo dos sentidos, faz parte da sabedoria.

Não é facil exprimir em termos claros e precisos a essencia d'este ser metaphysico, a que damos o nome de *verdade;* é uma d'estas noções elementares, que toda a gente comprehende e que não se esclarece com definições. A verdade é o accordo das representações com os seus objectos, dizem os philosophos allemães; é a realidade das cousas, ou o conhecimento das cousas taes como ellas são, diz Balmes no seu Curso de Philosophia; e eu direi com Santo Agostinho, pois não creio que depois d'elle se tenha dito cousa melhor: *Verum est id quod est,* a verdade é aquillo que é.

Considerada na sua origem, a verdade é uma só, embora nos pareça o contrario por acanhamento e defeito da nossa comprehensão. As faculdades do homem, sendo extremamente limitadas, assim como é fragil e pouco duradoura a sua organisação, não podem nunca alcançar a verdade prima, unica e universal, que só reside na intelligencia suprema do Creador; mas nem por isso deixa ella de ser o alvo constante das nossas aspirações. «Deus a possue e o homem a procura».

D'ahi vem que o edificio da sabedoria, com toda a sua magnificencia, é ainda hoje e será sempre uma obra incompleta, por mais que n'ella se accumule o trabalho persistente de todas as gerações até á consummação dos seculos.

No discurso preliminar da Encyclopedia o illustre geometra D'Alembert deixou consignado o principio da unidade fundamental dos conhecimenos humanos debaixo da seguinte forma, tão notavel pela elegancia da imagem como pela ousadia da concepção: «O universo, para quem podesse abrangel-o d'um só ponto de vista, não seria, para assim dizer, senão um facto unico, uma grande verdade».

Assim é com effeito; mas esse ponto de tão grandiosa perspectiva está situado no infinito, e as vistas do homem, que são limitadas, não poderão nunca alcançal-o.

Essa verdade unica, que concentra em si todas as verdades parciaes sujeitas á comprehensão do homem, reside necessariamente na causa prima do universo, no auctor de todas as cousas; é como que um limite, para o qual tendem todos os esforços da intelligencia humana, e de que nos é dado approximar-nos continuamente, sem que jámais o possamos alcançar.

O progresso incessante das sciencias, que no presente seculo temos visto caminhar a passo de gigante, fornece todos os dias novos fundamentos para a concepção metaphysica de D'Alembert. Quanto mais as sciencias se aperfeiçoam, mais se multiplicam e apertam os laços que prendem uns aos outros todos os nossos conhecimentos; e é precisamente na correlação dos factos que pareciam isolados, mais ainda do que no descobrimento de factos novos, que reside a essencia de todo o progresso scientifico.

Vêde, por exemplo, como as sciencias theologicas vão adquirindo novo vigor e despertam geral interesse, desde que os theologos se decidiram a sahir do ambito apertado das idêas preconcebidas, e a entrar desassombradamente no campo aberto das sciencias naturaes, campo uberrimo e sempre fecundo para os investigadores desprevenidos e de boa fé.

Houve tempo em que as verdades physicas e naturaes eram consideradas como artes diabolicas, segredos da maçonaria, e portanto interdictas, ou, pelo menos, suspeitosas aos cultores da sciencia de Deus. N'esses tempos de obscurantismo parecia que uma barreira insuperavel havia de separar para todo sempre a sagrada theologia da philosophia natural. Mas o progresso do espirito humano acabou por forçar essa barreira, e por levantar aquella interdicção. As relações entre as verdades reveladas e as adquiridas pelo estudo da natureza tornaram-se de tal modo evidentes, e multiplicaram-se a tal ponto, que não foi possivel sustentar-se por mais tempo a separação forçada d'aquelles dous ramos da sabedoria. Hoje, os mais

esclarecidos theologos cultivam e aperfeiçoam estas relações, desfazendo antinomias apparentes, limando asperezas filhas da imperfeição dos nossos conhecimentos, e procurando em tudo conciliar a sciencia de Deus com as descobertas dos homens.

Se alguem agora affirmar que o mundo não foi feito em seis dias, ou que a origem do homem pode ser diversa da que se lhe attribue segundo a tradição do Genesis, nenhum tribunal se levantará para o obrigar a desdizer-se ou para condemnal-o como herege. São decorridos dous seculos e meio depois da abjuração forçada de Galileu; semelhante escandalo não se repete mais!

Pelo mesmo processo de relacionamento progressivo se têm aperfeiçoado e desenvolvido todos os ramos da sabedoria.

As sciencias sociaes experimentaram uma completa transformação, desde que se comprehendeu que o mais solido fundamento das relações dos homens entre si são as proprias leis da natureza racionalmente interpretadas. Desde que a luz da philosophia esclareceu as ligações dos factos sociaes, os codigos das leis deixaram de ser massas indigestas de disposições particulares, desconnexas e complicadissimas, para se tornarem verdadeiros systemas de preceitos enlaçados uns nos outros, e deduzidos de um pequeno numero de principios, que não são outra cousa mais do que expressões particulares das leis geraes do universo.

As sciencias medicas estão ligadas tão intimamente com as outras sciencias da natureza, que sempre se têm visto caminharem umas ao par das outras, e bem pode considerar-se a medicina como um ramo vigoroso da philosophia natural. As theorias sobre a origem das doenças, e os meios de combatel-as ou de evitar a sua invasão, não têm outro fundamento seguro que não sejam as verdades demonstradas nas sciencias naturaes; e por isso essas theorias se vão transformando e aperfeiçoando continuamente, ao passo que a philosophia na-

tural vai levantando a mais e mais o véo que encobre os segredos da vida. Se a physica e a chimica não houvessem aperfeiçoado os methodos de observação, se, por exemplo, não tivessem ensinado a descobrir e a reconhecer myriades de organismos microscopicos que invadem o corpo humano, como agentes invisiveis de destruição, a arte de curar estaria ainda hoje mergulhada na cegueira do empirismo, pelo que respeita ao tratamento de um grande numero de molestias.

Nas sciencias mathematicas, physicas e naturaes é onde melhor se observa a tendencia innata do espirito humano para a generalisação ascendente e progressiva. Os factos, em quanto dispersos, não constituem sciencia. Para formarem um corpo de doutrina, é preciso coordenal-os, relacional-os uns com os outros, referindo-os todos a um principio commum: é o que se chama formar uma theoria. Este principio, uma vez estabelecido, torna-se um ponto de apoio, em que o nosso espirito se firma para explicar os factos conhecidos, e até muitas vezes para prevêr factos novos, que mais tarde vem a descobrir-se. Os principios fundamentaes das diversas theorias ligam-se do mesmo modo uns com os outros, até se concentrarem n'algum principio mais geral, d'onde todos dimanam, á semelhança dos raios luminosos, que irradiam do mesmo foco. E assim vai sempre caminhando o espirito do homem, elevando-se gradualmente do particular para o geral, do multiplo para a unidade, por uma serie de generalisações successivas, cujo termo, aliás inaccessivel, seria a verdade prima existente no infinito.

Poderia citar-vos innumeraveis exemplos d'estes processos de synthese, que são frequentissimos nas sciencias naturaes; limito-me a recordar-vos um só, cuja importancia sobreleva a de todos os outros, e permittireis que vol-o exponha com as circumstancias singulares que originaram tão grande descobrimento, conforme a tradição nol-as conservou.

No anno de 1665 um alumno da Universidade de Cam-

bridge, rapaz de 23 annos, dotado de faculdades excepcionalmente distinctas, viu-se obrigado a deixar a Universidade para fugir da peste, e retirou-se para a terra da sua naturalidade no condado de Lincoln. Uma bella noute estava elle assentado no jardim da residencia paterna, entregue á meditação, que era o enlevo natural do seu espirito, quando por acaso veio cahir-lhe aos pés um fructo, que se desprendera de uma arvore sobranceira. Este facto vulgarissimo, que facilmente poderia passar desapercebido, despertou a attenção do joven scismador, e levou-o a reflectir sobre a natureza singular do poder occulto, que sollicita os corpos para a terra. Mas porque será, perguntou elle então a si proprio com uma ingenuidade quasi infantil, porque será que este pequeno fructo cahiu no chão, apenas se soltou do ramo da arvore que o sustinha, em quanto que a lua, corpo immensamente mais pezado, se sustenta no ar, a tão grande altura, sem nenhum apoio visivel?

Approximando assim dous factos na apparencia tão distinctos, e concentrando toda a força do seu espirito na indagação das relações que poderiam ter um com o outro, chegou finalmente a descobrir o vinculo que os prende, e acabou por estabelecer um dos principios mais fecundos e de maior generalidade, com que a sciencia se tem enriquecido.

Aquelle rapaz de 23 annos chamava-se *Isaac Newton,* e a descoberta, que lhe foi inspirada pelo acaso da queda de um fructo, foi a famosa lei da gravitação universal, que é a pedra angular de todas as theorias physicas e astronomicas, admiravelmente constituidas sobre aquelle principio fundamental. Desde os pequenissimos turbilhões dos atomos, absolutamente imperceptiveis, até ás immensas rotações d'essas massas colossaes que gyram no espaço com imperturbavel regularidade, tudo se relaciona e tudo se explica pela lei da gravitação.

Tão grande foi o alcance da descoberta de Newton, e tão profunda a influencia que ella exerceu nas sciencias da natu-

reza, que nem sequer pode imaginar-se qual seria hoje o estado dos nossos conhecimentos, se um facto puramente casual não tivesse acendido no cerebro vigoroso e fresco d'um rapaz de 23 annos aquella centelha de luz, que illuminou a intelligencia humana e ha de continuar a esclarecel-a durante muitos seculos.

Foi um verdadeiro passo de gigante no caminho da synthese! Com a sua descoberta o genio de Newton lançou de um jacto os fundamentos do systema do mundo, e conseguiu assim approximar-nos da verdade absoluta muito mais do que todos os pensadores, que o precederam na investigação das causas primas.

*Nec fas est propius mortali attingere Divos!*

«Nem é permittido aos mortaes chegar mais perto da Divindade»: conforme disse o illustre astronomo Halley, no enthusiasmo da sua admiração pela sublime descoberta do seu inspirado contemporaneo.

*
* *

A concepção philosophica da verdade prima, unica e universal, traz como consequencia a unidade fundamental dos conhecimentos humanos. E não pareça que esta idêa se contrapõe aos processos empregados na indagação da verdade, e ás multiplicadas divisões que o homem faz da sabedoria, divisões que parecem extender-se de anno para anno, e tornar-se cada vez mais necessarias, ao passo que augmenta a vastidão dos nossos conhecimentos. Todos estes processos obedecem á lei economica da divisão do trabalho, e a necessidade do seu emprego é apenas uma prova da limitação extrema das nossas faculdades. Por mais que o nosso orgulho se compraza em persuadir-nos do contrario, forçoso é reco-

nhecer que o homem pode pouco, e que a distancia que nos separa da verdade prima é hoje, e será sempre, absolutamente incommensuravel.

«*Ce que nous connaissons est peu de chose, ce que nous ignorons est immense*».

Este profundo conceito, que se attribue ao grande Laplace no termo da sua carreira gloriosa, poderá sempre applicar-se ao estado actual dos conhecimentos humanos, em qualquer epocha que se considere.

«As sciencias entram todas umas nas outras», diz Condillac na arte de raciocinar. «É muito racional, para espiritos limitados como nós, considerar á parte cada uma d'ellas; mas seria ridiculo concluir que é da sua natureza o serem separadas. Precisamos sempre de lembrar-nos de que não ha propriamente senão uma sciencia; e se nós conhecemos verdades, que nos parecem destacadas umas das outras, é porque ignoramos o laço que as reune em um todo».

Taes são os termos em que se exprime o celebre philosopho, que fundou em França a escola sensualista. Todos os mathesiologistas, que se têm occupado da classificação das sciencias, desde a mais remota antiguidade até aos nossos tempos, reconheceram e adoptaram o mesmo principio da unidade fundamental dos conhecimentos humanos; e até nas imagens empregadas para representar as mutuas relações das sciencias, como é, por exemplo, a chamada *arvore encyclopedica,* sobresahe a mesma idêa fundamental.

*
* *

Não preciso de alongar mais estas considerações metaphysicas, com as quaes receio já ter-vos enfastiado, para dar como demonstrado o principio, que me propuz estabelecer, da unidade dos conhecimentos humanos.

Todos os ramos da sabedoria se dirigem essencialmente ao mesmo fim; todos tendem a concentrar-se no mesmo ponto, que, apezar de inaccessivel, nos attrahe constantemente, por ser o foco d'onde irradia toda a luz da verdade.

«Toda a sciencia vem de Deus», disse um philosopho christão. O homem, que procura alargar cada vez mais a esphera dos seus conhecimentos, intenta pois approximar-se da Divindade; qual outro Prometheu, aspira ao fogo celeste. Ousada ambição na verdade, e que pode ser punida, quando immoderada; mas nem por isso o amor da sabedoria deixa de ser o maior titulo de gloria, que ennobrece o rei da creação, e o torna muito superior a todos os outros seres da escala animal.

No curto intervallo de tempo que dura a passagem do homem pela terra, não ha objecto mais elevado que a cultura das sciencias, em que possam empregar-se as faculdades do seu espirito. Nem a posse das riquezas, tão cubiçada por espiritos vulgares, nem a supremacia do mando, que tanto lisongeia a vaidade humana, podem comparar-se com a grandeza e dignidade do saber, que eleva o homem acima dos seus semelhantes, conquistando-lhe durante a vida o respeito e a veneração dos contemporaneos, e ainda depois da morte lhe assegura a eternidade na memoria agradecida das gerações vindouras.

*
* *

Illustres academicos, que me tendes honrado com a vossa benevola attenção, se a minha palavra humilde, mas sincera e convicta, conseguiu penetrar no vosso animo, espero que as ponderações que acabo de fazer possam contribuir para inflammar-vos no amor da sabedoria, e encaminhar os vossos brios, sempre levantados e generosos, no sentido mais conveniente e proveitoso para a vossa propria elevação e para o

engrandecimento da patria. Se quereis tornar-vos cidadãos dignos e prestantes, e mostrar-vos agradecidos aos beneficios que recebeis de vossos paes e superiores, não dissipeis as forças da mocidade em loucuras que vos perdem; aproveitae todas as vantagens da primavera da vida, que tão breve passa, em fortalecer o vosso espirito para as luctas da edade viril, em que muitas vezes tereis de sustentar o peso de tremendas responsabilidades.

Não vos illudais com os ouropeis de falsas doutrinas, que vos promettem o conseguimento da felicidade por meios faceis e tentadores, e que afinal só vos déixam crueis desenganos, quando vos não precipitam no abysmo do mal sem remedio. Evitae os caminhos escusos e tortuosos, embora ás vezes pareçam mais faceis, e segui antes com passo firme e corajoso a estrada direita da virtude, que é o verdadeiro caminho da sabedoria.

Cumpri religiosamente os vossos deveres, para que ninguem possa recusar-vos os vossos direitos. Só d'este modo alcançareis a independencia, que é a mais querida aspiração dos animos juvenis e a mais justa ambição de todo o homem livre. Nem vos repugne a disciplina, que não é de modo algum a tyrannia dos fortes e a escravidão dos fracos, mas que obriga a todos na medida das suas responsabilidades. A disciplina é a obediencia á lei, que, fixando os deveres e assegurando os direitos de cada um, é o esteio indispensavel que sustenta as instituições sociaes.

E vós, talentosos alumnos, que merecestes as honras da preferencia pelas brilhantes provas que destes no anno lectivo findo, recebei as felicitações calorosas, que pela minha bocca vos dirige toda a corporação academica. Continuae na carreira honrosa, que tendes seguido com tanto ardor, e sabei que as palmas e coroas, com que a Universidade hoje vos premeia, são o prenuncio de maiores triumphos, que deveis alcançar no serviço da patria. Vinde receber da mão do nosso vene-

...

rando Prelado os diplomas dos premios, que vos foram conferidos; e podeis estar certos de que elles vos são entregues, com a mais completa satisfação, por quem sabe apreciar todo o valor da dadiva que vos offerece.

Os desgostos e amarguras, que se escondem sempre no manto da auctoridade, e a que não escapa o elevado cargo de Reitor da Universidade, têm a sua melhor compensação n'estes momentos de alegria, em que a lei o incumbe de distribuir premios em logar de castigos, de repartir louros em vez de martyrios.

*
* *

Para cumulo de alegrias e maior realce da presente solemnidade, parece talhada de molde a feliz coincidencia de ser hoje o dia do anniversario natalicio de Sua Majestade a Rainha, a excelsa Princeza da Casa de Saboya, que uniu a sua sorte á de El-Rei de Portugal, e que, tomando o nosso paiz por sua patria adoptiva, tem dispensado largamente aos portuguezes os thesouros inexgotaveis da sua alma affectuosa e caritativa.

Salve, nobilissima Princeza, que tendes sabido adornar a vossa coroa de Rainha com as joias de mais subido quilate: a estima, a veneração e o respeito do povo, cujos destinos a Providencia confiou aos cuidados e desvelos de vosso augusto Esposo. Saudando-vos n'este dia, que é de festa para a vossa real familia e para toda a nação portugueza, praticamos não só um acto de cortezia devido á vossa elevada jerarchia, mas, ainda mais, cumprimos um dever de gratidão para com a Soberana, que tem dado tão repetidas e brilhantes provas do seu acrisolado amor aos portuguezes.

Estão na memoria de todos os actos de abnegação e caridade praticados pela Rainha, a Senhora D. Maria Pia, em diversas occasiões de calamidades publicas.

Se as aguas do Tejo caudaloso se eleva malterosas, e rompendo os diques inundam os campos, arrasam as casas, derribam as pontes, destroem as sementeiras, arrebatam os gados, e reduzem á miseria centenares de familias que vivem da lavoura, a Rainha acode pressurosa, anima, promove e dirige os santos impulsos da caridade publica, e consegue remediar as necessidades e enxugar as lagrimas de muitos desgraçados, a quem a perda total dos seus haveres ameaçava com os horrores da fome.

Para os operarios das grandes cidades, que são obrigados a ganhar o pão quotidiano longe do lar domestico, é gravissimo embaraço a prole, ás vezes numerosa e ainda de tenra edade, que exige cuidados incessantes da parte dos paes, e das mães sobretudo. Morrer de fome ou abandonar os filhos innocentes, eis o tristissimo dilemma que muitas vezes esmaga a familia do operario desvalido. O coração piedoso da Rainha sentiu todo o peso d'este grande mal, que opprime a classe proletaria, e procurou remedial-o quanto possivel, tomando a iniciativa da fundação das *créches* em Lisboa, d'esses asylos em que as creancinhas pobres encontram abrigo, protecção e carinhos nas horas do trabalho, em quanto os paes ficam desembaraçados para grangear o sustento da familia. Santissima instituição, a que a Senhora D. Maria Pia teve a feliz idéa de associar o seu nome abençoado.

Em todas as festas de beneficencia a Rainha de Portugal é a primeira a dar o exemplo da caridade, não receando nunca e antes estimando confundir-se com o povo, sempre que se trata de pedir para os pobres, de soccorrer os necessitados, e de remediar por qualquer forma os effeitos da desgraça.

Ainda ha poucos mezes uma espantosa catastrophe cobria de lucto a invicta cidade do Porto. Os destroços ardentes de um theatro em chammas sepultavam no immenso brazido uma centena de victimas; e após tamanha desgraça cahiam na miseria um sem numero de pessoas, viuvas e orphãos, que

perderam no incendio o unico amparo da sua existencia. A noticia aterradora do desastre espalha-se rapida por todo o paiz, e chega ao Paço da Ajuda na occasião em que a familia real se achava profundamente atribulada pela doença de Sua Majestade El-Rei.

N'estas circumstancias, que seriam bastantes para desanimar qualquer organisação menos forte, a Senhora D. Maria Pia não hesita um instante; bate-lhe apressado o coração, e n'um impulso generoso resolve immediatamente partir para o Porto, desprezando os incommodos de uma viagem precipitada, arrostando o perigo das vicissitudes atmosphericas em estação pouco segura, e sacrificando ao seu dever de Rainha a companhia e os affectos do Esposo, ainda mal convalescente de uma grave enfermidade. Corre ao theatro do sinistro, derrama lagrimas de compaixão em presença dos restos informes e ainda fumegantes de cadaveres carbonisados, e depois d'esta scena compungente percorre em piedosa romaria os hospitaes e as casas das victimas sobreviventes. Com a sua presença soberana e voz insinuante consola os feridos e agonisantes; reanima as mães quasi loucas que perderam os filhos de morte horrorosa; entra nos mais humildes tugurios; respira o ar infecto da miseria; distribue soccorros com mão larga; cobre e agasalha com o regio manto os pequeninos orphãos, que ficaram no mundo ao desamparo, sem ao menos poderem ainda comprehender a enormidade da desgraça que os feriu.

Terminada esta santa peregrinação, a Rainha volta para junto do Esposo, com o coração opprimido e coberto de lucto pelos horrores que acabava de presencear, mas com a consciencia tranquilla e satisfeita de haver cumprido o seu dever e praticado em larga escála as obras de misericordia. O nobre exemplo dado por Sua Majestade a Rainha incita os naturaes impulsos da caridade publica, e dentro em pouco acodem de toda a parte avultados soccorros para as victimas do incendio.

Actos d'esta ordem seriam muito para louvar em qualquer pessoa de modesta condição; porém n'uma princeza, a quem os deslumbramentos da côrte podiam facilmente encobrir ou fazer esquecer os soffrimentos do povo; n'uma Rainha, que poderia muito bem limitar-se a contribuir com o seu donativo, mais ou menos avultado, para soccorro das victimas: o procedimento da Senhora D. Maria Pia foi superior a todo o elogio, e bem mereceu os applausos com que foi victoriada por todas as classes sociaes.

Desculpar-me-heis, Senhores, se por ventura me excedi pondo em relevo, n'este logar e n'esta occasião, as obras meritorias e actos virtuosos que entre nós tem praticado a augusta neta de Carlos Alberto, filha do rei Victor Manuel.

Convém rememorar estes factos, embora publicos e notorios, para que não esmoreça o reconhecimento e a gratidão, que se deve a quem os praticou; e tambem para lição de criticos apaixonados, que só vêem na realeza motivo para censuras, sempre exageradas e muitas vezes calumniosas. Além de que, sendo esta a primeira vez que celebramos o anniversario natalicio da Senhora D. Maria Pia, depois da horrorosa catastrophe que destruiu no Porto o theatro Baquet, justo era que dessemos n'esta solemnidade um publico testemunho da nossa admiração e respeito pela conducta heroica de Sua Majestade a Rainha em face d'aquella grande calamidade.

Concluo fazendo votos por que as bençãos do céo felicitem a familia real portugueza, e congratulando-me com toda a nação pelo completo restabelecimento da preciosa saude de Sua Majestade El-Rei o Sr. D. Luiz.

Disse.

# CALENDARIO

## PARA O ANNO DE 1889

*PRIMEIRO DEPOIS DO BISSEXTO*

COM A INDICAÇÃO DAS SOLEMNIDADES NA UNIVERSIDADE A QUE ASSISTE O CORPO DOCENTE
E DESIGNAÇÃO DOS DIAS FERIADOS

### EPOCHAS PRINCIPAES

Correspondentes ao anno de 1889

| | |
|---|---|
| Anno do Periodo Juliano | 6602 |
| Da Creação do Mundo segundo o Texto Hebreu | 5893 |
| Do Diluvio Universal | 4237 |
| Do meio da primeira Olympiada | 2663 |
| Da fundação de Roma | 2642 |
| Da Epocha de Nabonassar | 2636 |
| Do principio da Monarchia Portugueza | 793 |
| Da fundação da Universidade de Coimbra | 599 |
| Da reforma pelo Senhor D. José I | 117 |

| Computo ecclesiastico | |
|---|---|
| Aureo Numero | 9 |
| Indicção Romana | 2 |
| Cyclo Solar | 22 |
| Letra Dominical | F |
| Epacta | 28 |

| Temporas | |
|---|---|
| 13, 15, 16 | de março. |
| 12, 14, 15 | de junho. |
| 18, 20, 21 | de setembro. |
| 18, 20, 21 | de dezembro. |

### FESTAS MOVEIS

| | | | |
|---|---|---|---|
| Septuagesima | 17 de fevereiro. | Pentecostes | 9 de junho. |
| Cinza | 6 de março. | SS. Trindade | 16 de » |
| Paschoa | 21 de abril. | Corpo de Deus | 20 de » |
| Ladainhas | 27, 28 e 29 de maio. | Coração de Jesus | 28 de » |
| Ascenção | 30 de maio. | Dom. 1.º do Adv. | 1 de dezembro. |

# ECLIPSES DO ANNO DE 1889

---

### 1 de janeiro

Eclipse total do Sol, invisivel em Coimbra.

### 16 de janeiro

Eclipse parcial da Lua, visivel em Coimbra:

| | |
|---|---|
| Primeiro contacto externo com a sombra..... | $3^h25^m,2$ da manhã |
| Meio do eclipse..... | 4 56 ,0 |
| Segundo contacto externo..... | 6 27 ,1 |
| Minima distancia..... | 33'674 |
| Grandeza..... | $8^{dig}$ ,352 |

### 27 de junho

Eclipse annular do Sol, invisivel em Coimbra.

### 12 de julho

Eclipse da Lua, visivel em Coimbra:

| | |
|---|---|
| Primeiro contacto externo com a sombra..... | $7^h$ $9^m,4$ da tarde. |
| Meio do eclipse..... | 8 20 ,3 |
| Segundo contacto externo com a sombra..... | 9 31 ,2 |
| Minima distancia..... | 46'794 |
| Grandeza..... | $5^{dig}$ ,760 |

### 21 a 22 de dezembro

Eclipse total do Sol, invisivel em Coimbra.

1 Terç. ✠ Circumcisão de N. Senhor Jesus Christo, S. Fulgencio, B. de Rusque. ● Lua nova ás 8 h. e 34 m. da noite.
Eclipse do Sol, invisivel em Coimbra.
2 Quart. S. Isidro B. M.
3 Quint. S. Aprigio, Bispo de Beja, portuguez.
4 Sext. S. Tito, discipulo de S. Paulo, S. Gregorio B.
5 Sab. S. Simeão Estelyta, S. Apollinaria V., S. Telesphoro P. M.
6 Dom. Os Sanctos Reis Magos (*a*).
Acabam as ferias do Natal.
7 Seg. S. Theodoro, Monge.
8 Terç. S. Lourenço Justiniano, Patriarcha de Veneza.
9 Quart. S. Julião M. ☽ Quart. cresc. aos 7 m. depois da meia noite.
10 Quint. S. Paulo 1.º Eremita, S. Gonçalo d'Amarante.
11 Sext. S. Hygino P. M., S. Honorata V.
12 Sab. S. Satyro M., S. Taciana M.
13 Dom. S. Hylario, B. e Doutor da Egreja.
14 Seg. S. Felix M.
15 Terç. S. Amaro Ab.
16 Quart. Os Ss. Martyres de Marrocos, S. Marcello P. M., a B. Estefania V.
Eclipse parcial da Lua, visivel em Coimbra.
17 Quint. S. Antão Ab. ○ Lua cheia ás 5 h. e 3 m. da manhã.
18 Sext. A Cadeira de S. Pedro em Roma, S. Prisca V. M.
19 Sab. S. Canuto, Rei de Dinamarca.
20 Dom. SS. Nome de Jesus, S. Sebastião M. (*a*).
21 Seg. S. Ignez V. M. (*Jejum* no Patriarchado e no Algarve.)
22 Terç. S. Vicente M. (✠ no Patriarchado e no Algarve.)
23 Quart. Os Desposorios de N. Senhora com S. José, S. Raymundo de Penaforte, S. Ildefonso, Arcebispo de Toledo.
24 Quint. N. Senhora da Paz, S. Timotheo B. M. ☾ Quart. ming. ás 3 h. e 23 m. da tarde.
25 Sext. A Conversão de S. Paulo Ap.
26 Sab. S. Polycarpo B. M., S. Paula, viuva.
27 Dom. S. João Chrysostomo, B. e Doutor da Egreja.
28 Seg. Trasladação de S. Thomaz de Aquino, S. Cyrillo B., a B. Veronica, o B. Mattheus de Agrigento B. (Principia a novena das Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo).
29 Terç. S. Francisco de Salles B. e Doutor da Egreja, S. Pedro Thomaz.
30 Quart. S. Jacintha de Mariscotti V., S. Martinha V. M.
31 Quint. S. Pedro Nolasco, S. Cyro M., a B. Luiza de Albertoni, viuva. ● Lua nova ás 8 h. e 36 m. da manhã.

---

(*a*) Não pode haver doutoramentos. (Est. velh., liv. 3.º, tit. 41, § 3.º)

1 Sext. *Jejum*. S. Ignacio B. M., S. Brizida V., o B. André de Conti.
2 Sab. ✠ Purificação de Nossa Senhora (*a*).
Festa na real capella da Universidade. Assiste o corpo docente.
3 Dom. S. Braz B. M.
4 Seg. S. André Corsino B. C., S. José de Leonisa, o B. João de Brito M., lisbonense.
5 Terç. S. Pedro Baptista e seus Companheiros Mm. do Japão, S. Agueda V. M.
6 Quart. As Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, S. Dorothea V. M., o B. Antonio de Amandula.
7 Quint. S. Ricardo, Rei de Inglaterra, S. Romualdo Ab. ☽ Quart. cresc. ás 8 h. e 24 m. da noite.
8 Sext. S. João da Matta, fundador da Ordem da SS. Trindade.
9 Sab. S. Apollonia V. M.
10 Dom. S. Guilherme, Duque de Aquitania, S. Escolastica V.
11 Seg. S. Lazaro B., a B. Joanna Valesia, os sete fundadores dos Servitas.
12 Terç. S. Eulalia V. M.
13 Quart. S. Gregorio II, Papa, S. Catharina de Ricci V.
14 Quint. S. Valentim M., o B. João Baptista, fundador dos Trinos.
15 Sext. Ss. Faustino e Jovita Mm., Trasladação de S. Antonio. ☾ Lua cheia ás 9 h. e 37 m. da noite.
16 Sab. S. Porphyrio M., o B. Bernardo de Corleone.
17 Dom. da *Septuagesima*. S. Faustino M., o B. Nicolau de Longobardis.
18 Seg. S. Theotonio, 1.º Prior de Santa Cruz de Coimbra, S. Semeão B. M.
19 Terç. S. Conrado F., o B. Alvaro de Cordova.
20 Quart. S. Eleuterio B.
21 Quint. S. Angela de Mericia V., S. Maximiano B.
22 Sext. S. Margarida de Cortona, a Cadeira de S. Pedro em Antiochia. ☾ Quart. ming. ás 11 h. 21 m. da noite.
23 Sab. S. Pedro Damião, B. Cardeal e Doutor da Egreja, S. Lazaro, Monge.
24 Dom. da *Sexagesima*. S. Matthias Ap., S. Pretextato B. M.
25 Seg. S. Cesario C., Irmão de S. Gregorio Nazianzeno.
26 Terç. S. Torquato M., Arcebispo de Braga.
27 Quart. S. Leandro, Arcebispo de Sevilha, a B. Christina V
28 Quint. S. Romão Ab.

---

(*a*) Não pode haver doutoramentos.

1 Sext. S. Adrião M., S. Rozendo, portuguez. ● Lua nova ás 9 h. e 27 m. da noite.
2 Sab. S. Simplicio P.
3 Dom. da *Quinquagesima*. S. Hemeterio M., S. Conegundes, Imperatriz, S. Martinho, Soldado.
4 Seg. S. Casimiro, Rei da Polonia, S. Lucio P. M.

Carnaval. *Não ha aulas.*

5 Terç. S. Theophilo, S. João José.

Carnaval. *Não ha aulas.*

6 Quart. de Cinza. (*Jejum* até á Paschoa, excepto aos Domingos.) S. Ollegario B., S. Marciano B. M.

*Não ha aulas.*

7 Quint. S. Thomaz de Aquino, Dr. da Egreja, as Ss. Perpetua e Felicidade Mm.
8 Sext. S. João de Deus, portuguez.
9 Sab. S. Francisca Romana, viuva. ☽ Quart. cresc. ás 5 h. e 25 m. da tarde.
10 Dom. 1.° da *Quaresma*. S. Militão e seus Companheiros Mm. (*a*).
11 Seg. S. Candido M.
12 Terç. S. Gregorio P., Doutor da Egreja.
13 Quart. *Temporas*. A Beata Sancha, Infanta de Portugal.
14 Quint. S. Mathilde, Rainha, Trasladação de S. Boaventura M.
15 Sext. *Temporas*. S. Henrique, Rei de Dacia, S. Zacharias P.
16 Sab. *Temporas*. S. Cyriaco M.
17 Dom. 2.° da *Quaresma*. S. Tiburcio, Apostolo da Irlanda, S. Gertrudes V. ○ Lua cheia ás 11 h. e 13 m. da manhã (*a*).
18 Seg. S. Gabriel, Archanjo, S. Narciso, Arcebispo de Braga.
19 Terç. S. José, Esposo de Nossa Senhora.
20 Quart. S. Martinho, Dumiense, Arcebispo de Braga.
21 Quint. S. Bento, Ab.

**PRIMAVERA**

22 Sext. S. Emygdio B. M., S. Ambrosio de Sena, S. Benevenuto B.
23 Sab. S. Felix e seus Companheiros Mm.
24 Dom. 3.° da *Quaresma*. Instituição do SS. Sacramento, S. Marcos, S. Agapito. ☾ Quart. ming. ás 6 h. e 20 m. da manhã (*a*).
25 Seg. ✠ Annunciação de Nossa Senhora (*a*).

Festa na real capella da Universidade. Assiste o corpo docente.

26 Terç. S. Ludgero B., S. Theodoro B. M.
27 Quart. S. Roberto M., S. Augusta V. M.
28 Quint. S. Alexandre M.
29 Sext. S. Victorino e seus companheiros Mm.
30 Sab. S. João Climaco, a B. Angela de Fulgino, viuva F.
31 Dom. 4.° da *Quaresma*. S. Balbina V., S. Benjamim, Diacono M. ● Lua nova ás 11 h. e 3 m. da manhã (*a*).

---

(*a*) Não pode haver doutoramentos. (Est. velh., liv. 3.°, tit. 41, § 3.°).

1 Seg. S. Macario, as Chagas de S. Catharina de Sena D.
2 Terç. S. Francisco de Paula, S. Maria Egypciaca.
3 Quart. S. Ricardo B., S. Benedicto.
4 Quint. S. Isidro, Arcebispo de Sevilha.
5 Sext. S. Vicente Ferrer.
6 Sab. S. Marcellino M., a B. Catharina de Pallancia A.
7 Dom. da Paixão. S. Epiphanio B. M. (*a*).
8 Seg. S. Amancio B., o B. Clemente de Osimo. ☽ Quart. cresc. á 1 h. e 13 m. da tarde.
9 Terç. Trasladação de S. Monica.
10 Quart. S. Ezequiel, Propheta.
11 Quint. S. Leão I P., B. André de Monte Real.
12 Sext. As sete dores de Nossa Senhora, S. Victor M., portuguez, o B. Angelo de Clavasio.
13 Sab. S. Hermenegildo M., a B. Margarida do Castello V.
14 Dom. de Ramos. Os Ss. Tiburcio e Valeriano Mm. (*a*).
Começam as ferias da Paschoa até ao dia 28 de abril.
15 Seg. S. Basilia e Anastacia Mm., S. Eutychio M. ☽ Lua cheia ás 9 h. e 44 m. da noite.
16 Terç. S. Engracia V. M., portugueza, S. Fructuoso, Arcebispo de Braga.
17 Quart. de Trevas. S. Elias, Monge, portuguez.
Officio de trevas na real capella. Assiste o corpo docente.
18 Quint. de Endoenças. (✠✠ Guarda-se desde o meio dia.)
Missa solemne e Exposição na real capella e officio de trevas. Assiste o corpo docente.
19 Sext. da Paixão. (✠✠ Guarda-se até ao meio dia.)
Adoração da Cruz na real capella e officio de trevas. Assiste o corpo docente.
20 Sab. de Alleluia. S. Benjamim M., Diacono, S. Bebiana, viuva.
21 Dom. de Paschoa da Resurreição de Nosso Senhor Jesus Christo (*a*).
22 Seg. 1.ª Oitava. S. Senhorinha, portugueza, os Ss. Sotero e Caio Mm. ☾ Quart. ming. á 1 h. e 22 m. da tarde.
23 Terç. 2.ª Oitava. S. Jorge, M., defensor do Reino de Portugal.
24 Quart. S. Fiel de Sigmaringe M.
25 Quint. S. Marcos Evangelista.
26 Sext. S. Pedro de Rates M., 1.º Bispo de Braga, S. Cleto e Marcellino Mm.
27 Sab. S. Tertulliano B., S. Turibio, Arcebispo de Lima.
28 Dom. da Paschoela. Fugida de Nossa Senhora para o Egypto. S. Vital M., S. Paulo da Cruz, o B. Lucio.
Acabam-se as ferias da Paschoa.
29 Seg. Nossa Senhora dos Prazeres, S. Pedro M., S. Antonia V. M.
Anniversario da outorga da Carta Constitucional.
30 Terç. S. Catharina de Sena V., S. Peregrino, Servita. ● Lua nova á 1 h. e 31 m. da madrugada.

---

(*a*) Não pode haver doutoramentos. (Est. velh., liv. 3.º, tit. 41, § 3.º)

1 Quart. S. Filippe e S. Thiago, App.
2 Quint. A Beata Mafalda, Infanta de Portugal, S. Athanasio, Bispo e Doutor da Egreja.
3 Sext. Invenção da Santa Cruz.
4 Sab. S. Monica, viuva, Mãe de S. Agostinho.
5 Dom. Maternidade de Nossa Senhora, Conversão de S. Agostinho.
6 Seg. S. João Damasceno, S. João *Ante Portam Latinam.*
7 Terç. S. Estanislau B. M., S. Augusto M.
8 Quart. Apparição de S. Miguel Archanjo. ☽ Quart. cresc. ás 6 h. e 8 m. da tarde.
9 Quint. S. Gregorio Nazianzeno, B. e Doutor da Egreja, S. Nicolau B.
10 Sext. S. Antonino, Arcebispo de Florença.
11 Sab. S. Anastacio M.
12 Dom. 3.º S. Joanna, Princeza de Portugal.
13 Seg. N. Senhora dos Martyres, S. Pedro Regalado.
14 Terç. S. Bonifacio M., S. Gil.
15 Quart. S. Indaleto, e seus Companheiros Mm., S. Simplicio B. M., S. Izidro, Lavrador. ○ Lua cheia ás 6 h. e 8 m. da manhã.
16 Quint. S. João Nepomuceno M., S. Ubaldo B.
17 Sext. S. Paschoal Baylão.
18 Sab. S. Venancio M., S. Erico, Rei da Suecia.
19 Dom. 4.º S. Pedro Celestino P.
20 Seg. S. Bernardino de Sena.
21 Terç. S. Manços M., 1.º Bispo de Evora. ☾ Quart. ming. ás 9 h. e 19 m. da noite.
22 Quart. S. Rita de Cassia, viuva, S. Quiteria V. M., com oito Irmãs, Portuguezas.
23 Quint. S. Bazilio, Arcebispo de Braga, S. Desiderio B. M.
24 Sext. N. Senhora Auxiliadora, S. Afra M., o B. João do Prado.
25 Sab. S. Gregorio VII, P., S. Maria Magdalena de Pazzi.
26 Dom. 5.º S. Filippe Nery, fundador da Congregação do Oratorio.
27 Seg. *Ladainhas. Abstin. de carne.* S. João P. M.
28 Terç. *Ladainhas. Abstin. de carne.* S. Germano B.
29 Quart. *Ladainhas. Jejum.* S. Maximo, Santa Theodosia, viuva. ● Lua nova ás 4 h. e 45 m. da tarde.
30 Quint. ✠✠ Ascenção de Nosso Senhor Jesus Christo, S. Antonino, Arcebispo de Florença (*a*).
31 Sext. S. Petronilla V.

---

(*a*) **Não pode haver doutoramentos.**

1 Sab. S. Fortunato, Presbytero, S. Firmo M. (Principia a Trezena de Santo Antonio).
2 Dom. S. Marcellino M., a B. Maria Anna de Jesus, o B. Sadoc e 48 Companheiros Mm.
3 Seg. S. Ovidio Bispo de Braga, S. Paula V. M.
4 Terç. S. Francisco Caraciolo, Trasladação de S. Pedro M., S. Quirino B.
5 Quart. S. Bonifacio. B. M.
6 Quint. S. Norberto B., ☽ Quart. cresc. ás 7 e 27 m. da tarde.
7 Sext. S. Roberto M.
8 Sab. *Jejum.* S. Severino B., S. Salustino.
9 Dom. do Pentecostes. Os Ss. Primo e Felicidade Mm. (*a*).
10 Seg. 1.ª Oitava. S. Margarida, Rainha da Escocia.
Exequias d'El-Rei o Senhor D. João III (transferidas para 9 e 10 de julho).
11 Terç. 2.ª Oitava. S. Bernabé Ap.
12 Quart. *Temporas. Jejum.* S. João de S. Facundo, S. Onofre.
13 Quint. S. Antonio de Lisboa. (✠ no Patriarchado.) ○ Lua cheia á 1 h. e 24 m. da tarde (*a*).
14 Sext. *Temporas. Jejum.* S. Basilio Magno, B. e Doutor da Egreja.
15 Sab. *Temporas. Jejum.* S. Vito M. (*b*).
16 Dom. da SS Trindade, Nossa Senhora Mãe dos Homens.
17 Seg. S. Manuel e seus Irmãos Mm.
18 Terç. Os Ss. Marcos e Marcelliano, Irmãos Mm.
19 Quart. S. Juliana de Falconeri V., S. Gervasio e Protasio Mm.
20 Quint. ✠ SS. Corpo de Deus. S. Silverio, P. M. ☾ Quart. ming. ás 7 h. e 1 m. da manhã (*a*).
21 Sext. S. Luiz Gonzaga.

**ESTIO**

22 Sab. *Jejum.* S. Paulino B., S. Filippe de Placencia.
23 Dom. S. João Sacerdote, S. Edeltrudes, Rainha de Inglaterra.
24 Seg. ✠ Nascimento de S. João Baptista (*a*).
25 Terç. S. Guilherme Ab., S. Febronia V. M.
26 Quart. S. João e S. Paulo, Irmãos Mm.
27 Quint. (sem *Jejum.*) S. Ladislau, rei da Hungria.
Eclipse annular do Sol invisivel em Coimbra.
28 Sext. *Jejum.* ✠ SS. Coração de Jesus. S. Leão II. P. ● Lua nova ás 8 h. e 19 m. da manhã.
29 Sab. ✠ S. Pedro e S. Paulo App. (*c*).
30 Dom. A Pureza de Nossa Senhora, S. Marçal B., Commemoração de S. Paulo Ap.

---

(*a*) Não pode haver doutoramentos. (Est. velh., liv. 3.º, tit. 41, § 3.º)
(*b*) Eleição dos delegados ao conselho superior de instrucção publica. (Decreto de 17 de novembro de 1884, art. 5.º)
(*c*) N'este dia só pode haver doutoramentos no caso de necessidade por falta de dias para elles. (Est. velh., liv. 3.º, tit. 41, § 3.º)

1 Seg. S. Theodorico Ab. (*a*).
2 Terç. Visitação de Nossa Senhora a Santa Izabel (*b*).
3 Quart. S. Jacintho M.
Prestito com insignias, á Egreja do real mosteiro de Santa Clara para assistir ás vesperas da Rainha Santa Izabel.
4 Quint. S. Izabel, Rainha de Portugal
Missa solemne e sermão na mesma Egreja. Assiste o corpo docente.
5 Sext. S. Athanasio M.
6 Sab. S. Domingas V. M. ☽ Quart. cresc. ás 5 h. e 25 m. da manhã.
7 Dom. Preciosissimo Sangue de N. Senhor Jesus Christo, S. Pulcheria V.
8 Seg. S. Procopio M.
9 Terç. S. Nicolau e seus Companheiros Mm.
Exequias d'El-Rei o Senhor D. João III na real capella (deveriam ser a 10 de junho se não fosse impedido).
10 Quart. S Januario e seus Companheiros Mm.
Continuação das exequias, missa e oração funebre. Assiste o corpo docente a ambos os actos.
11 Quint. S. Sabino, Trasladação de S. Bento.
12 Sext. S. João Gualberto Ab., ☺ Lua cheia ás 8 h. e 28 m. da tarde.
Eclipse da Lua, visivel em Coimbra.
13 Sab. S. Anacleto P. M.
14 Dom. S. Boaventura, Cardeal.
15 Seg. S. Camillo de Lellis, S. Henrique, Imperador.
16 Terç. Triumpho da Santa Cruz, Nossa Senhora do Carmo,
17 Quart. S. Aleixo, Confessor.
18 Quint. S. Marinha V. M., S. Frederico, B. M.
19 Sext. S. Vicente de Paulo ☾ Quart. ming. ás 7 h. e 11 m. da tarde.
20 Sab. S. Jeronymo Emiliano, S. Elias Propheta, S. Margarida V. M.
21 Dom. O Anjo Custodio do Reino, S. Praxedes V. (*b*).
22 Seg. S. Maria Magdalena.
23 Terç. S. Apollinario B. M., S. Liborio, B.

**Principiam as canículas**

24 Quart. S. Christina V. M., S. Francisco Solano.
25 Quint. S. Thiago Ap., S. Christovão M., S. Valentina V. M. (*c*).
26 Sext. Ss. Synfronio, Olympio e Theodulo Mm.
27 Sab. S. Pantaleão, Medico. ● Lua nova ás 11 h. e 26 m. da noite.
28 Dom. S. Innocencio P. M.
29 Seg. S. Martha V., S. Olavo, Rei da Noruega M.
30 Terç. S. Rufino M.
31 Quart. S. Ignacio de Loyola
Anniversario do juramento da Carta Constitucional.
Fim do Anno lectivo.

---

(*a*) Os programmas das cadeiras devem ser enviados até hoje á Direcção Geral de instrucção publica. (Decreto de 17 de novembro de 1884, art. 28.°, § unico.)
(*b*) Não pode haver doutoramentos. (Est. velh., liv. 3.°, tit. 11, § 3.°)
(*c*) Só em caso de necessidade se permittem doutoramentos n'este dia. (Cit. Est.)

1 Quint. S. Pedro *ad Vincula,* os Martyres de Chelas. (Jubileu da Porciuncula.)
Começam as ferias grandes.
2 Sext. Nossa Senhora dos Anjos, S. Estevão P. M., o B. Affonso de Ligorio, Doutor da Egreja e fundador dos Redemptoristas, a B. Joanna de Aza, Mãe de S. Domingos.
3 Sab. Invenção de S. Estevão, Proto-martyr.
4 Dom. S. Domingos. ☽ Quart. cresc. aos 49 m. depois do meio dia.
5 Seg. Nossa Senhora das Neves.
6 Terç. Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Christo, S. Thiago, Eremita.
7 Quart. S. Caetano Confessor, S. Alberto C., S. Severino.
8 Quint. S. Agostinho B., S. Cyriaco e seus Companheiros Mm., S. Severo, Presbytero.
9 Sext. S. Romão M., o B. João de Salerno.
10 Sab. S. Lourenço M., S. Philomena V. M.
11 Dom. Festividade de Nossa Senhora da Boa-Morte. ○ Lua cheia ás 4 h. e 9 m. da manhã.
12 Seg. S. Clara V.
13 Terç. S. Helena V. M., S. Hippolyto e S. Caciano, Mm., o B. Pedro Moleano.
14 Quart. *Jejum.* S. Athanazia, viuva, S. Euzebio C., a B. Juliana de Busto.
15 Quint. ✠ Assumpção de Nossa Senhora.
16 Sext. S. Roque, S. Jacintho.
17 Sab. S. Mamede M., a B. Emilia V.
18 Dom. S. Joaquim, Pae de Nossa Senhora, S. Clara do Monte Falco.
19 Seg. S. Luiz B.
20 Terç. S. Bernardo, Ab. e Doutor da Egreja.
21 Quart. S. Joanna Francisca, viuva, S. Anastacio M., S. Umbelina, Irmã de S. Bernardo.
22 Quint. S. Timotheo M.
23 Sext. S. Liberato e seus Companheiros Mm., S. Philippe Benicio.
24 Sab. S. Bartholomeu Ap.
25 Dom. S. Luiz, Rei de França.
26 Seg. S. Zeferino P. M. ● Lua nova á 1 h. e 26 m. da tarde.
27 Terç. S. José de Calazans, S. Rufo B. M.
28 Quart. S. Agostinho, B. e Doutor da Egreja.
29 Quint. Degollação de S. João Baptista.
30 Sext. S. Rosa de Lima V.
31 Sab. S. Raymundo Nonato, Cardeal.

1 Dom. S. Egydio Ab., a B. Izabel V.
2 Seg. S. Estevão, Rei da Hungria. ☽ Quart. cresc. ás 7 h. e 1 m. da tarde.
3 Terç. S. Eufemia V. M., os Bb. João de Perusia e Pedro Saxoferrato, Mm.
4 Quart. S. Rosa de Viterbo V., S. Candida, V.
5 Quint. S. Antonino M.
6 Sext. S. Libania V., os Ss. dos Conegos Regrantes.
7 Sab. S. Anastacio M.
8 Dom. Natividade de Nossa Senhora.
9 Seg. S. Sergio P., a B. Serafina, viuva. ○ Lua cheia á 1 h. e 19 m. da tarde.
10 Terç. S. Nicolau Tolentino.
11 Quart. S. Theodora, penitente, os Ss. Proto e Jacintho Mm.
12 Quint. S. Auta V. M., o B. Gentil M.
13 Sext. S. Filippe M.
14 Sab. Exaltação da Santa Cruz.
15 Dom. SS. Nome de Maria, S. Domingos em Soriano, S. Nicomedes M.
16 Seg. Trasladação de S. Vicente M., Ss. Cornelio e Cypriano Mm.
17 Terç. As Chagas de S. Francisco, S. Pedro de Arbues M. ☾ Quart. ming. ás 4 h. e 15 m. da manhã.
18 Quart. *Temporas. Jejum.* S. José de Cupertino, S. Thomaz de Villa Nova B.
19 Quint. S. Januario B. M.
20 Sext. *Temporas Jejum.* S. Eustachio e seus Companheiros Mm.
21 Sab. *Temporas. Jejum.* S. Mattheus, Ap. e Evangelista.

**OUTOMNO**

22 Dom. S. Mauricio e seus Companheiros Mm.
23 Seg. S. Lino P. M., S. Tecla V. M.
24 Terç. Nossa Senhora das Mercês, S. Gerardo B. M.,
Anniversario do fallecimento de S. M. o Senhor D. Pedro IV. Missa de *requiem* na real capella.
25 Quart. S. Firmo B. M., S. Herculano M., Soldado. ● Lua nova ás 2 h. e 8 m. da madrugada.
26 Quint. Ss. Cypriano e Justina Mm.
27 Sext. Ss. Cosme e Damião Mm., S. João Marcos B. M.
28 Sab. S. Wenceslau, Duque da Bohemia.
Faz 26 annos S. A. R. o Principe D. Carlos, e 23 sua esposa a Princeza D. Maria Amelia d'Orleans.
29 Dom. S. Miguel Archanjo, Padroeiro da Real Capella da Universidade.
30 Seg. S. Jeronymo, Doutor da Egreja.
Acabam-se as ferias.

1 Terç. Os Ss. Verissimo, e Julio, Irmãos Mm., portuguezes.
Missa solemne do Espirito Santo na real capella da Universidade e juramento do corpo docente.
2 Quart. Os Ss. Anjos da Guarda. ☽ Quart. cresc. aos 59 m. depois da meia noite.
Primeiro dia de matricula geral.
3 Quint. S. Candido M., Trasladação de Santa Clara.
Segundo dia de matricula geral.
4 Sext. S. Francisco d'Assis.
Terceiro dia de matricula geral.
5 Sab. S. Placido e seus Companheiros Mm.
6 Dom. O SS. Rosario de Maria. S. Bruno C., Fundador da Cartucha.
7 Seg. S. Marcos P., o B. Mattheus Carrerio.
8 Terç. S. Brigida, viuva, Princeza de Nericia, S. Pelagia, Penitente.
9 Quart. Os Ss. Dyonisio, Rustico e Eleuterio Mm. ☺ Lua cheia aos 52 m. depois da meia noite.
10 Quint. S. Francisco de Borja, Padroeiro do Reino.
11 Sext. S. Firmo B.
12 Sab. S. Cypriano B. M.
13 Dom. Patrocinio de S. José. S. Eduardo, Rei de Inglaterra.
14 Seg. S. Callixto P. M.
15 Terç. S. Thereza de Jesus V.
16 Quart. S. Martiniano M.
Faz 42 annos S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia. Grande gala. Feriado. Oração de *sapiencia* na sala dos actos grandes, pertence ao Lente de Prima da Faculdade de Theologia. Distribuição solemne dos Premios. Assiste o corpo docente com as suas insignias.
17 Quint. S. Hedwiges, viuva, Duqueza da Polonia. ☾ Quart. ming. aos 3 m. depois da meia noite
Começam os exercicios escholares em todas as aulas.
18 Sext. S. Lucas, Evangelista.
19 Sab. S. Pedro d'Alcantara.
20 Dom. S. Iria V. M., portugueza.
21 Seg. S. Ursula e suas Companheiras.
22 Terç. S. Maria Salomé.
23 Quart. S. João Capistrano.
24 Quint. S. Raphael, Archanjo. ● Lua nova á 1 h. e 52 m. da tarde.
25 Sext. Ss. Crispim e Crispiniano, Irmãos Mm.
26 Sab. S. Evaristo P. M.
27 Dom. S. Elesbão, Imperador.
28 Seg. S. Simeão e S. Judas Thaddeu.
29 Terç. Trasladação de S. Izabel, Rainha de Portugal. S. Feliciano M.
30 Quart. S. Serapião B. C. M.
31 Quint. *Jejum*. S. Quintino, M. Quart. cresc. ás 7 h. e 56 m. da manhã
Faz 51 annos El-Rei o Senhor D. Luiz I.

1 Sext. ✠✠ Festa de Todos os Santos.
2 Sab. Commemoração dos Fieis Defunctos.
3 Dom. S. Malachias, B. Primaz da Irlanda.
4 Seg. S. Carlos Borromeu, Arcebispo e Cardeal.
5 Terç. S. Zacharias e S. Izabel, paes de S. João Baptista
6 Quart. S. Leonardo M., S. Severo B. M.
7 Quint. S. Florencio B. ☾ Lua cheia ás 3 h. e 31 m. da tarde.
8 Sext. S. Severino e seus Companheiros Mm.
9 Sab. S. Theodoro M., os Ss. da Ordem de S. Domingos, Dedicação da Basilica do Salvador.
10 Dom. Patrocinio de Nossa Senhora, S. André Avelino, S. Florencia M., os Defensores da Ordem de S. Domingos.
11 Seg. S. Martinho B.
Anniversario do obito do Sr. D. Pedro v.
Missa de *requiem* na real capella da Universidade. *Não ha aulas.*
12 Terç. S. Martinho P. M.
13 Quart. S. Eugenio, Bispo de Toledo, os Ss. das Ordens dos Eremitas de S. Agostinho.
14 Quint. Trasladação de S. Paulo, 1.º Eremita.
15 Sext. S. Gertrudes Magna, Dedicação da Basilica do SS. Coração de Jesus. ☾ Quart. ming. ás 8 h. e 2 m. da noite.
16 Sab. S. Valerio M., os Defensores da Ordem do Carmo, o B. Gonçalo de Lagos.
17 Dom. S. Gregorio Thaumaturgo.
18 Seg. S. Romão M., Dedicação da Basilica dos Ss. Apostolos.
19 Terç. S. Izabel, Rainha de Hungria.
20 Quart. S. Felix de Valois, fundador dos Trinos.
21 Quint. Apresentação de Nossa Senhora.
22 Sext. S. Cecilia V. M.
23 Sab. S. Clemente P. M. ☽ Lua nova á 1 h. e 9 m. da manhã.
24 Dom. S. João da Cruz, S. Chrysostomo M.
25 Seg. S. Catharina V M.
26 Terç. S. Pedro Alexandrino B. M.
27 Quart. S. Margarida de Saboia, viuva, S. Leonardo de Porto Mauricio.
28 Quint. S. Gregorio III P., S. Jacob da Marca, os Defensores da Ordem de S. Paulo, 1.º Eremita.
29 Sext. S. Saturnino M., os Santos das 3 Ordens de S. Francisco. ☽ Quart. cresc. ás 4 h. e 55 m. da tarde.
30 Sab. S. André Ap.

1 Dom. 1.º do Advento, S. Eloy B. (*a*).
2 Seg. S. Aurelia M.
3 Terç. S. Francisco Xavier.
4 Quart. S. Barbara V. M., S. Pedro Chrysologo, B. e Doutor da Egreja.
5 Quint. S. Geraldo, Arcebispo de Braga, a B. Izabel Bona V., S. Sabbas Abbade.
6 Sext. *Jejum.* S. Nicomedes B.
7 Sab. *Jejum.* S. Ambrosio, B. e Doutor da Egreja. ☾ Lua cheia ás 9 h. e 18 m. da manhã.
8 Dom. 2.º do Advento, Festa da Immaculada Conceição de N. Senhora, Padroeira do Reino e Conquistas (*a*).
Festa na real capella da Universidade. Assiste o corpo docente.
9 Seg. S. Leocadia V. M.
10 Terç. S. Melchiades, P. M., Trasladação da casa do Loreto.
11 Quart. S. Damaso P.
12 Quint. S. Justino M.
13 Sext. *Jejum.* S. Luzia V. M., o B. João Marinonio.
14 Sab. *Jejum.* S. Agnello Ab.
15 Dom. 3.º do Advento, S. Euzebio B. ☾ Quart. ming. ás 2 h. e 24 m. da tarde (*a*).
16 Seg. S. Adelaide, Imperatriz viuva, as Virgens de Africa Mm.
17 Terç. S. Lazaro B., S. Bartholomeu de Geminiano.
18 Quart. *Temporas. Jejum.* Nossa Senhora do Ó, S. Espiridião.
19 Quint. S. Fausta. Mãe de S. Anastacio, S. Adjuto Ab.
20 Sext. *Temporas. Jejum.* S. Domingos de Sillos Ab.
21 Sab. *Temporas. Jejum.* S. Thomé Ap.

**INVERNO**

22 Dom. 4.º do Advento. S. Honorato M. ● Lua nova aos 18 m. depois do meio dia (*a*).
23 Seg. S. Servulo, S. Victoria V. M., o B. Nicolau Factor.
24 Terç. *Jejum.* S Gregorio M.
Principiam as ferias do Natal, que continuam até 6 de janeiro inclusive.
25 Quart. ✠✠ Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo (*a*).
26 Quint. 1.ª Oitava. S. Estevão, Proto-martyr.
27 Sext. 2.ª Oitava S. João Apostolo e Evangelista.
28 Sab. 3.ª Oitava. Os Ss. Innocentes Mm.
29 Dom. S. Thomaz, Arcebispo de Cantuaria M.
30 Seg. S. Sabino B. M. ☽ Quart. cresc. ás 4 h. e 42 m. da manhã.
31 Terç. S. Silvestre P.

---

(*a*) Não pode haver doutoramentos. (Est. velh., liv. 3.º, tit. 41, § 3.º)

# ADDITAMENTO AO CALENDARIO

---

## Dias em que não pode haver doutoramentos no anno de 1889

| | | |
|---|---|---|
| Janeiro.. | 6 | — Epiphania. |
| » | 20 | — Festa de S. Sebastião. |
| Fevereiro | 2 | — Purificação de Nossa Senhora. |
| Março.... | 10 | — Dom. 1.º de *Quaresma*. |
| » | 17 | — Dom. 2.º de *Quaresma*. |
| » | 24 | — Dom. 3.º de *Quaresma*. |
| » | 25 | — Annunciação de Nossa Senhora. |
| » | 31 | — Dom. 4.º de *Quaresma*. |
| Abril.... | 7 | — Dom. da Paixão. |
| » | 14 | — Dom. de Ramos. |
| » | 21 | — Dom. de Paschoa. |
| Maio..... | 30 | — Ascenção de Nosso Senhor Jesus Christo. |
| Junho.... | 9 | — Dom. de Pentecostes. |
| » | 13 | — Festa de Santo Antonio. |
| » | 20 | — *Corpus Christi*. |
| » | 24 | — Festa de S. João Baptista. |
| » | 29 | — Festa de S. Pedro e S. Paulo (*a*). |
| Julho.... | 2 | — Visitação de Nossa Senhora a Santa Izabel. |
| » | 21 | — Festa do Anjo Custodio do Reino. |
| » | 25 | — Festa de S. Thiago (*a*). |
| Dezembro | 1 | — Dom. 1.º do *Advento*. |
| » | 8 | — Dom. 2.º do *Advento*. |
| » | 15 | — Dom. 3.º do *Advento*. |
| » | 22 | — Dom. 4.º do *Advento*. |
| » | 25 | — Festa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. |

---

(*a*) São permittidos os doutoramentos em 29 de junho e 25 de julho, no caso de haver necessidade de dias para a celebração d'estes actos. (Estat. velh., liv. 3.º, tit. 41, § 3.º)

# REAL CAPELLA

---

### Thesoureiro

Bernardo Joaquim Cardoso Botelho, Bacharel formado em Theologia e Direito, e Conego honorario da Sé Cathedral de Coimbra.

### Chantre

R.$^{do}$ Antonio Marques de Figueiredo.

### Capellães

R.$^{do}$ Antonio d'Abranches Martins.
R.$^{do}$ Joaquim de Loureiro Niza.
R.$^{do}$ Mattheus d'Oliveira Xavier.
R.$^{do}$ Abilio Augusto da Maia e Costa.
R.$^{do}$ Antonio Alves Ferreira (int.).
R.$^{do}$ José Rodrigues Liberal Sampaio (int.).
R.$^{do}$ João Joaquim Rodrigues (int.).

### Professor de musica e mestre da capella

B.$^{el}$ Antonio Simões de Carvalho Barbas.

### Organista

Francisco Lopes Lima de Macedo.

# MISSAS E SERMÕES

NAS FESTIVIDADES DA REAL CAPELLA PELOS LENTES DA FACULDADE DE THEOLOGIA
NO ANNO LECTIVO DE 1888 A 1889

---

### Outubro

**1 Festa de S. Miguel.**

Serm. — R.$^{do}$ Dr. Manuel de Jesus Lino.

### Dezembro

**8 Festa da Immaculada Conceição de Nossa Senhora.**

Missa — R.$^{do}$ Dr. Francisco Martins.
Serm. — R.$^{do}$ Dr. Joaquim Alves da Hora.

### Fevereiro

**2 Festa da Purificação de Nossa Senhora.**

Serm. — R.$^{do}$ Dr. Manuel de Azevedo Araujo e Gama.

### Março

**25 Festa da Annunciação de Nossa Senhora.**

Missa — R.$^{do}$ Dr. Porphyrio Antonio da Silva.
Serm. — R.$^{do}$ Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos.

### Abril

**18 e 19 Quinta e Sexta feira Santas.**

Missa — R.$^{do}$ Dr. José Maria Rodrigues.
Serm. — R.$^{do}$ Dr. Francisco Martins.

### Junho

**10 e 11 Exequias d'El-Rei D. João III. (Transferidas para os dias 9 e 10 de julho.**

### Julho

**3 e 4 Festa da Rainha Santa Izabel.**

Missa — R.$^{do}$ Dr. Luiz Maria da Silva Ramos.
Serm. — R.$^{do}$ Dr. José Maria Rodrigues.

**9 e 10 Exequias d'El-Rei D. João III.**

Missa — R.$^{do}$ Dr. Damazio Jacintho Fragoso.
Serm. — R.$^{do}$ Dr. Porphyrio Antonio da Silva.

# REITORIA E CONSELHO DOS DECANOS

---

## Reitor

Dr. Adriano d'Abreu Cardoso Machado, do Conselho de Sua Majestade, Ministro e Secretario de Estado Honorario, Digno Par do Reino, Lente jubilado da Academia Polytechnica do Porto, antigo Lente da Faculdade de Direito, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc.

## Vice-Reitor

Dr. Bernardo de Serpa Pimentel, Digno Par do Reino, Socio effectivo do Instituto de Coimbra, Lente de prima jubilado da Faculdade de Direito, etc.

## Conselho de Decanos

### Presidente

O Reitor.

### Vogaes

Dr. Damazio Jacintho Fragoso, Lente de prima, decano e director da Faculdade de Theologia.
Dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco, Lente de prima, decano e director da Faculdade de Direito.
Digno Par do Reino, Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, Lente de prima, decano e director da Faculdade de Medicina.
Commendador Dr. Luiz da Costa e Almeida, Lente de prima, decano e director da Faculdade de Mathematica.
Commendador Dr. Antonio dos Santos Viégas, Digno Par do Reino, Grão-Cruz da Ordem de S. Thiago, Lente de prima, decano e director da Faculdade de Philosophia.

### Secretario

O da Universidade.

. .

# SECRETARIA E GERAES

Secretario e Mestre de Cerimonias

D. Duarte d'Alarcão Vellasques Sarmento Osorio, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Bacharel Formado em Direito — Quinta das Lagrimas.

Official Maior

José Albino da Conceição Alves — Couraça dos Apostolos, n.º 45.

1.º Official

Annibal Xavier d'Almeida — Mont'Arroio, rua Oriental.

2.º Official

José Maria d'Oliveira e Sá — rua de J. A. d'Aguiar, n.º 92.

3.º Official

Vago.

Porteiro

Henrique Augusto d'Oliveira — rua do Forno, n.º 16.

Continuo

Francisco Gaspar — rua dos Anjos, n.º 17.

## Thesouraria do Cofre Academico

Thesoureiro

Bacharel Manuel Maria da Cunha — terreiro da Herva n.º 22.

## Geraes

Guarda-mór e Porteiro

Julio Augusto da Fonseca — edificio da Universidade.

Continuos

João Evangelista da Silva Pinto — becco da União.
Abilio Augusto Severo — rua de Fernandes Thomaz.
Vago um logar.

# INSTRUCÇÃO SUPERIOR

## Quadro legal das Faculdades

| FACULDADES | CATHEDRATICOS | SUBSTITUTOS | TOTAL |
|---|---|---|---|
| Theologia..... | 8 | 3 (1) | 11 |
| Direito ..... | 15 | 6 (2) | 21 |
| Medicina..... | 13 | 5 (3) | 18 |
| Mathematica ..... | 9 (4) | 4 (5) | 13 |
| Philosophia ..... | 8 | 3 (6) | 11 |
| Total..... | 53 | 21 | 74 |

(1) Está vago um logar.
(2) Está vago um logar.
(3) Está vago um logar.
(4) Neste numero entra o logar de Professor de Desenho, que está vago.
(5) Neste numero entra o Substituto da cadeira de Desenho. Estão vagos dois logares, incluindo o Substituto da cadeira de Desenho.
(6) Estão vagos dois logares.

# CORPO DOCENTE

DA

# UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NO

## ANNO LECTIVO DE 1888 A 1889

---

Continuação do *Annuario* de 1887 a 1888, pag. 24 a 33 (1)

(1) Vid. *Annuarios* de 1868 a 1869 e de 1874 a 1875.

FACULDADE

| Nome | Data do nascimento | Naturalidade e districto |
|---|---|---|
| Dr. José Maria Rodrigues..... | 27-6.º-1857 | Cerdal, Vianna do Castello |

FACULDADE

| Nome | Data do nascimento | Naturalidade e districto |
|---|---|---|
| Dr. Manuel Dias da Silva..... | 1-8.º-1856 | S.ta Christina de Longos, Braga |

FACULDADE

| Nome | Data do nascimento | Naturalidade e districto |
|---|---|---|
| Dr. Henrique Manuel de Figueiredo..... | 13-8.º-1861 | Coimbra |

## DE THEOLOGIA

| Data do exame e grau de licenciado | Data do acto de conclusões magnas | Data do doutoramento | Data do 1.º despacho para o magisterio | Categoria |
|---|---|---|---|---|
| 25-11.º-1886 | 26 e 27-1.º-1888 | 5-2.º-1888 | 6-7.º-1888 | Substituto. |

## DE DIREITO

| Data do exame e grau de licenciado | Data do acto de conclusões magnas | Data do doutoramento | Data do 1.º despacho para o magisterio | Categoria |
|---|---|---|---|---|
| 27-4.º-1885 | 15 e 16-12.º-1886 | 19-6.º-1887 | 5-1.º-1888 | Substituto. |

## DE MATHEMATICA

| Data do exame e grau de licenciado | Data do acto de conclusões magnas | Data do doutoramento | Data do 1.º despacho para o magisterio | Categoria |
|---|---|---|---|---|
| 14-4.º-1886 | 12-10.º-1887 | 6-11.º-1887 | 5-7.º-1888 | Substituto. |

# LENTES JUBILADOS

---

## Faculdade de Theologia

Conselheiro Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo—Lente de prima.
Conselheiro Dr. Antonio Bernardino de Menezes — Dicto.

## Faculdade de Direito

O Digno Par do Reino, Dr. Bernardo de Serpa Pimentel—Lente de prima.
O Digno Par do Reino, Conselheiro Dr. Antonio Ayres de Gouvêa, Bispo de Bethsaida—Lente Cathedratico.
O Digno Par do Reino, Conselheiro Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco — Lente de prima.

## Faculdade de Medicina

O Digno Par do Reino, Conselheiro Dr. José Ferreira de Macedo Pinto — Lente Cathedratico.
O Digno Par do Reino, Conselheiro Dr. Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos — Lente de prima.
Commendador Dr. Antonio Augusto da Costa Simões—Dicto.
O Digno Par do Reino, Dr. Antonio Gonçalves da Silva e Cunha, —Dicto.

## Faculdade de Mathematica

Conselheiro Dr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto--Lente de prima.
Commendador Dr. Abilio Affonso da Silva Monteiro — Dicto.
Conselheiro Dr. Florencio Mago Barreto Feio — Dicto.
Conselheiro Dr. Antonio José Teixeira — Lente Cathedratico.
Dr. Francisco Pereira de Torres Coelho — Dicto.

## Faculdade de Philosophia

Commendador Dr. Manuel Marques de Figueiredo — Lente Cathedratico.
Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho — Lente de prima.

# FACULDADE DE THEOLOGIA

# FACULDADE DE THEOLOGIA

## PESSOAL EFFECTIVO

### Lentes Cathedraticos

Dr. Damazio Jacintho Fragoso — Lente de prima, decano e director da Faculdade — (*Cathed. da 1.ª Cadeira*) — largo da Sé Velha, n.º 26.
Dr. Luiz Maria da Silva Ramos — (*Cathed. da 6.ª Cadeira*) — rua de Borges Carneiro.
Dr. Bernardo Augusto de Madureira — (*Cathed. da 4.ª Cadeira*) — rua do Salvador, n.º 8,
Dr. Manuel de Jesus Lino — (*Cathed. da 7.ª Cadeira*) — rua do Salvador, n.º 20.
Dr. Joaquim Alves da Hora — (*Cathed. da 5.ª Cadeira*) — rua da Boa-vista, n.º 3.
Dr. Manuel d'Azevedo Araujo e Gama — (*Cathed. da 2.ª Cadeira*) — rua de Sob-ripas, n.º 37.
Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos — (*Cathed. da 3.ª Cadeira*) — Arcas d'Agua.
Dr. Francisco Martins — (*Cathed. da 8.ª Cadeira*) — rua do Corpo de Deus, n.º 52.

### Substitutos

Dr. Porphyrio Antonio da Silva (*rege a cadeira de Hebreu*) — Penedo da Saudade.
Dr. José Maria Rodrigues — rua do Loureiro.
Vago um logar.

Fiscal — Dr. Francisco Martins.
Secretario — Dr. José Maria Rodrigues.
Bedel — José Maria Galião — rua da Moeda, n.º 68.

## DISCIPLINAS PARA O CURSO THEOLOGICO

---

### PRIMEIRO ANNO

1.ª CADEIRA — Historia Ecclesiastica.
2.ª » — Theologia Dogmatico-polemica, para as lições dos logares theologicos.

### SEGUNDO ANNO

3.ª » — Theologia Dogmatico-polemica, para as lições de Theologia symbolica.
— » — (*1.ª de Direito*) Philosophia do Direito e historia do direito publico constitucional portuguez.

### TERCEIRO ANNO

4.ª » — Theologia Dogmatico-polemica, para as lições de Christologia.
5.ª » — Theologia moral.

### QUARTO ANNO

6.ª » — Theologia sacramental e liturgica.
8.ª » — Theologia pastoral.
— » — (*10.ª de Direito*) Direito ecclesiastico commum e privativo da egreja portugueza, com o seu respectivo processo.

### QUINTO ANNO

7.ª » — Escriptura do Testamento velho e do Testamento novo.
— » — (*13.ª de Direito*) Direito ecclesiastico portuguez.

## DISCIPLINAS PARA O ESTADO ECCLESIASTICO

---

### PRIMEIRO ANNO

1.ª CADEIRA —Historia Ecclesiastica.
2.ª » —Theologia Dogmatico-polemica, para as lições dos logares theologicos.

### SEGUNDO ANNO

— » —(*1.ª de Direito*) Philosophia do Direito e historia do direito publico constitucional portuguez.
3.ª » —Theologia Dogmatico-polemica, para as lições de Theologia symbolica.
5.ª » —Theologia moral.

### TERCEIRO ANNO

6.ª » —Theologia sacramental e liturgica.
— » —(*10.ª de Direito*) Direito ecclesiastico commum e privativo da egreja portugueza com o seu respectivo processo.
8.ª » —Theologia pastoral.

## COMPENDIOS APPROVADOS PARA A FACULDADE DE THEOLOGIA

---

### PRIMEIRO ANNO

| 1.ª Cadeira | Preços |
|---|---|
| *Dannenmayr* — Institutiones Historiae Ecclesiasticae, 2 vol..... | 960 |
| Resumo da Historia da Egreja do Antigo Testamento..... | 200 |
| **2.ª Cadeira** | |
| *Prunyi* — Systema Theologiae Dogmaticae, 4 vol..... | 2$000 |
| Regulamento para fiscalisação e julgamento das faltas dos estudantes da Universidade..... | 50 |
| **Cadeira de hebreu (*subsidiaria*)** | |
| *Fr. Francisco da Paz* — Compendio dos principios da Grammatica hebraica..... | 500 |
| Biblia hebraica..... | –$– |

### SEGUNDO ANNO

| 3.ª Cadeira | |
|---|---|
| *Bernardo Madureira* — Institutiones Theologiae Dogmaticae Specialis, 2 vol..... | 2$000 |
| **1.ª Cadeira de direito** | |
| *Ferrer* — Philosophia de Direito, 2 vol..... | 1$800 |

### TERCEIRO ANNO

| 5.ª Cadeira | |
|---|---|
| *Schenkl* — Ethica Christiana, 3 vol..... | 3$000 |

### QUARTO ANNO

| 6.ª Cadeira, 8.ª Cadeira e 10.ª Cadeira de direito. | |
|---|---|
| *Schenkl* — Theologiae Pastoralis Systema..... | 900 |
| Programma da 8.ª cadeira, approvado em 1886..... | 50 |

| | Preços |
|---|---|
| Codigo Administrativo de 17 de julho de 1886, seguido do decreto de 29 de julho de 1886 que reorganisa o Supremo Tribunal Administrativo, e do de 12 de agosto de 1886 que regula o processo perante o Tribunal Administrativo Districtal..... | 400 |
| *Schenkl*—Instituições de Direito Ecclesiastico, traducção portugueza pelo *Dr. Manuel de Oliveira Chaves e Castro,* 2.ª edição.... | 2$000 |

QUINTO ANNO

7.ª CADEIRA

| | |
|---|---|
| *Rodrigues de Azevedo*—Synopsis Hermeneuticae Sacrae..... | 400 |
| Biblia biglotta de Tischendorf..... | –$– |

13.ª CADEIRA DE DIREITO

| | |
|---|---|
| *Carneiro*—Elementos de Direito Ecclesiastico Portuguez, 4.ª edição..... | 1$800 |
| *Carneiro*—Documentos comprovantes de alguns pontos da doutrina dos Elementos de Direito Ecclesiastico Portuguez, 2.ª edição.... | 800 |

## DOCUMENTOS PARA A MATRICULA NA FACULDADE DE THEOLOGIA NO ANNO LECTIVO DE 1888 A 1889

### PRIMEIRO ANNO

*Alumnos ordinarios:*

Certidão de edade de 16 annos completos;
Attestado *de vita et moribus;*
Certificado do registro criminal;
Certidão de approvação nos seguintes preparatorios (Art. 68.º do Regulamento geral dos lyceus de 12 de agosto de 1886):

| | | |
|---|---|---|
| 1.ª Classe | Lingua e litteratura portugueza, 1.ª parte<br>Lingua franceza.....<br>Mathematica elementar, 1.ª parte..... | 1.º e 2.º annos. |
| 2.ª Classe | Lingua latina, 1.ª parte.....<br>Mathematica elementar, 1.ª parte.....<br>Principios de physica, chimica e historia natural, 1.ª parte.....<br>Geographia e historia..... | 3.º e 4.º annos. |
| 3.ª Classe (secção de letras) | Lingua e litteratura portugueza, 2.ª parte<br>Lingua latina, 2.ª parte.....<br>Philosophia elementar..... | 5.º e 6.º annos. |

Recibo de haver pago no cofre da Universidade, os seguintes impostos:

| | |
|---|---|
| Propina academica—Decreto de 26 de junho de 1880..... | 11$520 |
| 36 % sobre a propina—Lei de 1 de setembro de 1887..... | 4$147 |
| | 15$667 |
| 6 % addiccionaes—Lei de 27 de abril de 1882..... | $940 |
| Total réis..... | 16$607 |

Conhecimento da compra na Imprensa da Universidade dos livros respectivos (vid. pag. 34).

*Alumnos para o estado ecclesiastico:* os mesmos documentos que para a classe dos Ordinarios, excepto o certificado do registo criminal, a propina academica e compra dos livros adoptados.

### SEGUNDO E TERCEIRO ANNOS

*Alumnos ordinarios:* Certidão do acto do anno anterior a cada um d'estes annos, e recibo da propina de matricula e da compra dos livros.
*Alumnos para o estado ecclesiastico:* Certidão do acto do anno anterior a cada um d'estes annos.

### QUARTO ANNO

*Alumnos ordinarios:* Certidão do acto do anno anterior; recibo da propina de matricula e da compra dos livros adoptados.

### QUINTO ANNO

*Alumnos ordinarios:* Certidão do acto do 4.º anno e grau de bacharel e dos exames das linguas grega e hebraica; recibo da propina de matricula e da compra dos livros respectivos.

## DOCUMENTOS PARA CARTAS DE BACHAREL E FORMATURA

Certidão dos actos do 4.º e 5.º annos;
Certificado do registro criminal;
Propina academica (na carta de formatura):

| | |
|---|---|
| Imposto conforme o Decreto de 26 de junho de 1880..... | 17$280 |
| » de 36 %—Lei de 1 de setembro de 1887..... | 6$220 |
| | 23$500 |
| » addicional de 6 %—Lei de 27 de abril de 1882..... | 1$410 |
| Total réis..... | 24$910 |
| Sêllo de verba (na carta de bacharel)..... | 15$000 |

## DOCUMENTOS PARA A MATRICULA NA FACULDADE DE THEOLOGIA NO ANNO LECTIVO DE 1889 A 1890

---

### PRIMEIRO ANNO

*Alumnos ordinarios:*

Certidão de edade de 16 annos completos;
Attestado *de vita et moribus*;
Certificado do registo criminal;
Certidão de approvação nos seguintes preparatorios (Decretos de 20 de outubro de 1888 e de 27 do mesmo mez e anno, e Regulamento geral dos lyceus de 12 de agosto de 1886):

### Curso geral dos lyceus

1.º Anno { Lingua portugueza (1).
Lingua franceza (2).

2.º Anno { Lingua ingleza (3).
Geographia (4).

3.º Anno { Mathematica elementar, 1.ª parte (5).
Historia (4).

---

(1) Ou lingua e litteratura portugueza da 1.ª classe do antigo curso dos lyceus.
(2) Ou francez da 1.ª classe (2.º anno) do antigo curso dos lyceus.
(3) Segundo o Regulamento de 12 de agosto de 1886, artigo 68.º § 2.º, o exame de inglez só é obrigatorio tres annos depois da execução do mesmo Regulamento, excluindo o de 1886 a 1887 por argumento do Decreto de 28 de agosto de 1888.
(4) Ou geographia ou historia de 2.ª classe (4.º anno) do antigo curso dos lyceus.
(5) Ou mathematica de 2.ª classe do antigo curso dos lyceus (4.º anno antigo), bastando todavia para a matricula ém 1889 a 1890 approvação ou passagem no antigo 3.º anno da dicta disciplina (Decreto de 27 de outubro de 1888).

## Curso de letras

4.º Anno { Latim, 1.ª parte (1).
Physica, 1.ª parte (2).

5.º Anno { Latim, 2.ª parte (3).
Philosophia elementar.

6.º Anno { Latim, 2.ª parte (3).
Litteratura portugueza (4).

Curso completo de Desenho (5).

### SEGUNDO, TERCEIRO, QUARTO E QUINTO ANNOS

Vid. pag. 37.

---

(1) Ou latim de 2.ª classe (4.º anno) do antigo curso dos lyceus.

(2) Ou physica, chimica e historia natural, 1.ª parte, ou 2.ª classe (4.º anno) do antigo curso.

(3) Ou lingua latina (2.ª parte) ou latim de 3.ª classe (6.º anno) do antigo curso da secção de letras.

(4) Ou lingua e titteratura portugueza (2.ª parte), ou 3.ª classe (6.º anno) do antigo curso

(5) A dispensa do exame de desenho acabou no anno lectivo de 1888 a 1889 (Decreto de 28 de agosto de 1888).

# ALUMNOS MATRICULADOS

| Primeiro anno | Horas | | Dias de aula |
|---|---|---|---|
| | Entrada | Sahida | |
| 1.ª CADEIRA — *Historia Ecclesiastica* ..... Cathedratico — Dr. Dâmazio Jacintho Fragozo. | 8 | 9 | 2.as, 3.as, 4.as, 6.as e sabbados. |
| 2.ª CADEIRA — *Theologia Dogmatico-Polemica* ..... Cathedratico — Dr. Manuel d'Azevedo Araujo e Gama. | 9 | 10 | |

**Ordinarios**

1 Augusto Barroso Pereira, filho de Rodrigo Bravo Barroso Torres, natural de Santa Clara do Torrão, freguezia de Santa Clara do Torrão, concelho de Penafiel, districto do Porto — arcos do Jardim, n.º 56.

2 Joaquim José d'Oliveira e Cunha, filho de Manuel José d'Oliveira, natural da Murtoza, freguezia de Santa Maria, concelho de Estarreja, districto de Aveiro.

3 Alvaro d'Ascensão Corrêa, filho de Joaquim Antonio d'Ascensão e Oliveira, natural de Rio-Tinto, freguezia de S. Christovão, concelho de Gondemar, districto do Porto — rua do Borralho, n.º 11.

4 Augusto Nazareth, filho de Francisco Antonio Nazareth, natural de Coimbra, freguezia de Santa Cruz — rua Direita, n.º 42.

5 Domingos José Cardoso d'Oliveira, filho de Domingos José Cardoso d'Oliveira, natural de Cassapava, freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda, S. Paulo (Brazil) — Penedo da Saudade.

6 Manuel Anaquim, filho de Antonio Anaquim, natural da Covilhã, freguezia de S. Pedro, districto de Castello Branco — Sant'Anna.

7 Manuel Pedro Ruella Tavares, filho de José Maria d'Oliveira e Silva, natural do Bunheiro, concelho de Estarreja, districto de Aveiro — rua dos Militares, n.º 29.

8 Joaquim Mendes dos Remedios, filho de Albino Mendes, natural de Niza, freguezia do Espirito Santo, concelho de Niza, districto de Portalegre — rua do Corpo de Deus, n.º 52.

9 Izidoro Martins Pereira d'Andrade, filho de Joaquim Martins, natural de Villar-Secco, freguezia de Nossa Senhora da Expectação, concelho de Nellas, districto de Vizeu — rua da Mathematica, n.º 38.

10 Manuel Pinto Montenegro Carneiro, filho de Antonio Montenegro Gomes Carneiro, natural de Poiares, freguezia de S. Miguel, concelho do Peso da Regoa, districto de Villa Real — arcos do Jardim, n.º 65.

11 Accacio Antonio Ferreira Barbosa, filho de José Aureliano Ferreira Barbosa, natural de Villa do Conde, freguezia de S. João Baptista, concelho de Villa do Conde, districto do Porto — Sant'Anna.

12 Antonio José Maciel Rodrigues Lima, filho de Manuel Maciel da Costa Lima, natural de Forjães, freguezia de Santa Marinha, concelho de Espozende, districto de Braga — Bairro de S. José, n.º 31.

13 Manuel da Costa Ratto, filho de Antonio da Costa Ratto, natural da Covilhã, districto de Castello Branco — Praça do Commercio, n.º 5.

14 Fausto Augusto Pinto Villar, filho de Antonio Aristhides Pinto Villar, natural de Celeirós, concelho de Sabrosa, districto de Villa Real — arcos do Jardim, n.º 65.

15 Luiz da Cunha Nogueira, filho de João da Cunha Nogueira, natural de Ponte do Lima, freguezia de Santa Maria dos Anjos, concelho de Ponte do Lima, districto de Vianna do Castello — rua do Borralho.

| Segundo anno | Horas | | Dias de aula |
|---|---|---|---|
| | Entrada | Sahida | |
| 3.ª Cadeira — *Theologia Dogmatico-Polemica*..... | 9 | 10 | 2.as, 3.as, 4.as, 6.as e sabbados. |
| Cathedratico — Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos. | | | |
| 1.ª Cadeira de direito — *Philosophia de* | 10 | 11 1/2 | |
| *Direito*..... | 11 1/2 | 1 | |

**Ordinarios**

1 Joaquim Alves Torres, filho de Antonio Alves Torres, natural de Arcos, freguezia de S. Miguel, concelho de Villa do Conde, districto do Porto — rua do Borralho, n.º 31.

2 Antonio Alves Ferreira, filho de Manuel Alves Ferreira, natural dos Valhascos, freguezia e concelho do Sardoal, districto de Santarem — Hospicio de Santa Clara.

3 Joaquim Tavares d'Araujo e Castro, filho de Antonio José Tavares de Castro, natural de Oliveira do Bairro, freguezia de S. Miguel, concelho de Oliveira do Bairro, districto de Aveiro — rua das Flores.

4 Manuel Joaquim Fratel, filho de paes incognitos, natural de Portalegre, freguezia da Sé — rua do Corpo de Deus, n.º 52.

## Terceiro anno

| | Horas | | Dias de aula |
|---|---|---|---|
| | Entrada | Sahida | |
| 4.ª CADEIRA — *Theologia Dogmatico-Polemica*, etc..... Cathedratico—Dr. Bernardo Augusto de Madureira. | 8 | 9 | 2.as, 3.as, 4.as, 6.as e sabbados. |
| 5.ª CADEIRA — *Theologia Moral*..... Cathedratico—Dr. Joaquim Alves da Hora. | 9 | 10 | |

### Ordinarios

1 Abel Pereira d'Andrade, filho de José Maria Pereira d'Andrade, natural de Villa do Conde, freguezia de S. João Baptista, districto do Porto — Sant'Anna.
2 Antonio d'Abranches Martins, filho de Antonio d'Abranches Ferreira, natural de Paranhos, freguezia de S. Martinho, concelho de Cêa, districto da Guarda — rua do Borralho, n.º 11.
3 Antonio Corrêa de Menezes, filho de Manuel da Silva Cardoso, natural de Sacorelhe, freguezia de Ventosa, concelho de Vouzella, districto de Vizeu — rua do Loureiro, n.º 18.
4 Antonio Marques de Figueiredo, filho de João Marques de Figueiredo, natural de Cimo de Villa, freguezia de Santa Maria d'Alcofra, concelho d'Oliveira de Frades, districto de Vizeu — rua do Loureiro, n.º 18.
5 Antonio Pereira de Sá Sotto-Maior, filho de José Pereira de Sá Sotto-Maior, natural de Arcos de Valle de Vez, freguezia de S. Paio, districto de Vianna do Castello.
6 José Rodrigues Liberal Sampaio, filho de Antonio Rodrigues Sampaio, natural de Sarraquinhos, freguezia de Santa Maria, concelho de Monte-Alegre, districto de Villa Real — travessa da rua do Norte, n.º 76.
7 Antonio Osorio da Fonseca, filho de Antonio da Fonseca, natural de Braga — ladeira do Seminario, n.º 8.

8 Antonio Moutinho, filho de Manuel Moutinho, natural de Aguas Santas, freguezia de Santa Maria, concelho da Maia, districto do Porto — arcos do Jardim, n.º 71.
9 Joaquim Pereira Pedrosa e Sousa, filho de Joaquim Pereira Pedrosa e Sousa, natural de Carvide, freguezia de S. Lourenço, concelho e districto de Leiria — estrada da Beira.
10 Luiz Gonzaga d'Azevedo, filho de Thomaz d'Azevedo Araujo Cardoso, natural de Arcos de Val de Vez, freguezia de S. Paio, districto de Vianna do Castello — rua do Loureiro, n.º 18.

| Quarto anno | Horas | | Dias de aula |
|---|---|---|---|
| | Entrada | Sahida | |
| 6.ª CADEIRA — *Theologia Litturgica* ..... Cathedratico—Dr. Luiz Maria da Silva Ramos. | 1 | 2 | 2.as, 3.as, 4.as. 6.as e sabbados. |
| 8.ª CADEIRA — *Theologia Pastoral*..... Cathedratico—Dr. Francisco Martins | 9 | 10 | |
| 10.ª CADEIRA DE DIREITO — *Direito Ecclesiastico* ..... | 10 | 11 1/2 | |
| | 11 1/2 | 1 | |

1 Eduardo dos Santos, filho de Martiniano dos Santos, natural de Coimbra — rua da Fornalhinha, n.º 13.
2 João Henriques de Sequeira Móra, filho de Emygdio Antonio Móra, natural do Sardoal, districto de Santarem — rua do Cotovello, n.º 14.
3 Manuel Vieira de Mattos, filho de Manuel Vieira de Mattos, natural de Poiares, concelho de Peso da Regua, districto de Villa Real — arcos do Jardim, n.º 65.
4 Manuel José Gomes, filho de João Antonio Gomes, natural de Passos, districto de Braga — rua da Mathematica, n.º 38.
5 Joaquim da Motta de Macedo, filho de Joaquim Dias de Macedo, natural de Atheães, districto de Braga — arcos do Jardim, n.º 41.